



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E DA SAÚDE

**DO INCOMENSURÁVEL AO QUANTITATIVO:
OS DISCURSOS DE VERDADE DAS CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS NA PRODUÇÃO DE CORPOS
SEXUADOS**

ANDRÉ MORANDO

PORTO ALEGRE
2016

ANDRÉ MORANDO

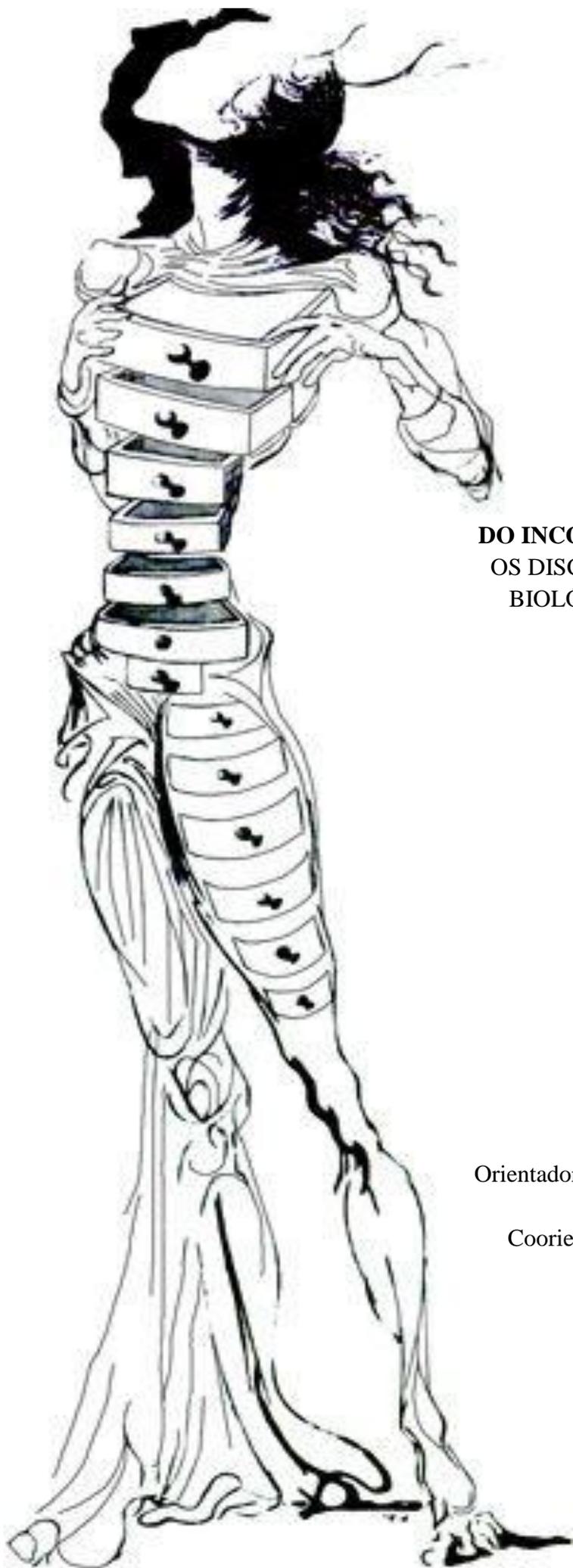
**DO INCOMENSURÁVEL AO QUANTITATIVO:
OS DISCURSOS DE VERDADE DAS CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS NA PRODUÇÃO DE CORPOS
SEXUADOS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rochele de Quadros Loguercio

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Ferraz da Silva

PORTO ALEGRE
2016



CIP - Catalogação na Publicação

Morado, André

Do Incomensurável ao Quantitativo: Os Discursos de Verdade das Ciências Biológicas na Produção de Corpos Sexuados / André Morando. -- 2016.
76 f.

Orientadora: Rochele de Quadros Loguercio.
Coorientadora: Aline Ferraz da Silva

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Discurso biológico. 2 Corpo. 3. Gênero. 4. Sexo. I. de Quadros Loguercio, Rochele, orient. II. Ferraz da Silva, Aline, coorient. III. Título.

ANDRÉ MORANDO

**DO INCOMENSURÁVEL AO QUANTITATIVO:
OS DISCURSOS DE VERDADE DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS NA PRODUÇÃO DE
CORPOS SEXUADOS**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rochele de Quadros Loguercio

Coorientadora: Prof^a Dr^a Aline Ferraz da Silva

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Álvaro Lorencini Júnior (UEL)

Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza (UESB)

Prof^a. Dr^a. Rosane Nunes Garcia (UFRGS)

AGRADEÇO

Ao inesperado que sempre me faz sair da rota minuciosamente traçada.

Àquele que dentro de mim é dono de tudo, *epaô babá*.

Ao Antônio, meu amor, meu parceiro de guerra, meu porto seguro, sempre incansavelmente ao meu lado, me oferecendo um olhar de canto, um sorriso, um “calma que vai dar certo” e um “qualquer coisa tô aqui”.

À minha mãe, a qual não há palavras suficientes para demonstrar gratidão.

À professora Rochele, pela acolhida, pelo carinho, pela confiança e parceria no desenvolvimento desse trabalho. Não se limitando a ser somente orientadora, tornou-se uma amiga a quem tanto quero bem.

À professora Aline, pela imensa ajuda, provocações e trocas de ideias.

Aos colegas do grupo de estudo, em especial, à Paloma e à Paula.

À Jacira Gil Bernardes, que dedicou horas e horas de discussão desde o projeto até agora, na versão final desta dissertação. Uma grande incentivadora deste trabalho, que o inesperado colocou em minha vida.

À Jacira Vieira, aquela que me ensina o caminho e me conduz por ele segurando minha mão, sempre disposta e incansável, dona de um carinho inestimável.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra ajudaram nessa caminhada.

RESUMO

Historicamente o conhecimento científico produz uma maneira de pensar a diferença sexual, muito embora, deva-se levar em conta que é a bagagem do gênero e não a ciência que define o sexo. Sendo assim, não há como pensar corpos e identidades de maneira universal, no entanto, há formas quase que totalizantes de interpretação das distinções do que é ser masculino ou feminino nas sociedades ocidentais. Para além da universalização da diferença sexual, a ciência do sexo produz saberes e autoriza atores a multiplicá-los como verdades. O docente de biologia está em um lugar de poder que o autoriza a falar do corpo, do sexo, e da sexualidade o que o possibilita a multiplicar os discursos da diferença no corpo. O presente estudo, tem dentre seus objetivos, conhecer os modos pelos quais os discursos a respeito das diferenças entre corpos-homem e corpos-mulher, advindos de diversos campos do saber, se encontram e tomam fôlego nos territórios da biologia. Nessa dissertação, buscamos expandir as dobras do pensamento quanto à construção das verdades científicas, bem como olhar os entremeios da história da biologia e dos processos de naturalização das condutas do corpo biológico. O estudo de abordagem qualitativa está alicerçado nos estudos culturais e nos estudos de gênero com inspiração na perspectiva foucaultiana, busca conhecer como o saber científico, produzido nas ciências biológicas, é articulado na cultura e auxilia na produção de um sexo e um sujeito oposto, cujo destino está supostamente ligado à anatomia. Por meio das pesquisas em referenciais bibliográficos, construímos um cenário que nos possibilitou reconhecer os discursos eternos da diferença, bem como, sua validação como verdade na biologia, através de seus métodos e técnicas. Na contemporaneidade, a biologia continua produzindo discursos capazes de posicionar sujeitos a partir das marcas do corpo, tal como foi visto na análise do discurso do *professor youtuber*, pois assim como as ciências não são neutras, as pedagogias também não são. A partir do discurso do docente, reconhecemos a naturalização das demandas sociais no corpo biológico da mulher a qual tem sua matriz biológica constantemente transformada em produto da ação humana.

Palavras-chave: Discurso biológico; Corpo; Gênero; Sexo.

ABSTRACT

Historically, the scientific knowledge makes a different way to think about sexual variety. We should take in account that isn't the science that defines sex but the luggage. Therefore, there is no way to think bodies and identities universally, however, there are almost totalizing interpretation about the distinctions manner of being a male or female in Western societies. In addition, the universalisation of sexual difference, the gender science, produces knowledge and allows players to multiply them as truths. The biology teacher is set in a place of power that allows him to speak about body, gender and sexuality which makes him to be possible to multiply about body's difference discourses. This study, has among its objectives, to know in depth how discourses about the differences between man-bodies and woman-bodies, who is from several fields of knowledge, are meeting themselves and take breath in biology's territories. This essay it seeks enlarging the folds of thoughts as to the construction of scientific truths, just as well, looking at the maze of the biology history and the naturalization process of biological body behavior. The study about qualitative approach, which is grounded in a cultural and gender studies inspired by Foucault's perspective, searching to know how the scientific knowledge that is produced in biological sciences can be articulated inside the culture and it helps for the one-sex and one opposite-person production, whose fate is allegedly linked to anatomy. Through bibliographic references researches, we built a background that enabled us to recognize the eternal discourse about difference, as well as biology, by means its methods and techniques, attested truth to them. Actually, biology keep going producing discourses that is able to place subjects from the body brands such as it has seen in the discourse analysis with a youtuber teacher, as well as the sciences are not neutral, pedagogies are not either. From the teacher explanation speech, we can recognize the naturalization of social demands in the woman's biological body who has her biological matrix continuously converted in the human action product

Keywords : Biological discourse; Body; Gender; Sex.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ilustrações de Ulisse Aldrovandi	24
Figura 2 - A Incredulidade de São Tomé, por Caravaggio.....	47
Figura 3 - Manequins.....	56
Figura 4 - Manequins com roupas	56

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
COMO CHEGUEI AQUI	10
O QUE FIZEMOS COM FOUCAULT	13
O CAMINHO DAS PEDRAS	15
OS DISCURSOS DE VERDADE QUE POSSIBILITARAM O SURGIMENTO DA VIDA E A NATURALIZAÇÃO DA HISTÓRIA	17
Resumo	17
Abstract	17
Introdução	18
A Dobra e a Rede	18
A História Natural(izada)	22
Ciência da Descontinuidade	26
Os Entremeios do Discurso Científico	29
Considerações Finais	31
Referências	32
FRONTEIRAS DIFUSAS: OS ENLACES DO DISCURSO BIOLÓGICO NA PRODUÇÃO DO <i>CORPO-OPOSTO</i>	34
Resumo	34
Abstract	34
Ato I – O DNA	35
Ato II – A Célula	35
Ato III – O Corpo	36
O Sexo é Anatomia e o Gênero é Cultural?	37
Do Incomensurável ao Quantitativo	39
A Diferença é Subcutânea	42
Os Domínios Moleculares da Diferença	44
Algumas Reverberações	46
Referências	49
DE FÊMEA À MULHER: A CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO NATURALIZÁVEL 51	
Resumo	51
Abstract	51
Introdução	52

Na Epiderme o Gênero.....	54
A Heterossexualidade como Ferramenta para a Naturalização	58
Sobre a Escolha do Material e sua Análise	61
Dos Enunciados e das Formações Discursivas: os Engendramentos entre Natureza- Cultura na Produção do Sujeito Mulher	62
Por Fim... ..	67
Referências	69
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, INSPIRAÇÕES E PERSPECTIVAS	72
O Ponto Final é Abstrato... ..	73
REFERÊNCIAS	74

COMO CHEGUEI AQUI

É difícil precisar em que momento um corpo começa a falar ou a contar suas histórias, no entanto, creio que muito antes do corpo falar, ele já consegue ser lido, narrado e corrigido. Acessando minhas lembranças, consigo voltar aos meus oito anos. Lembro-me da minha mãe grávida esperando meu irmão, dos encontros, e das tardes de sábado na casa de minha avó, onde as mulheres se reuniam. Um dos assuntos que atravessava as conversas era a respeito do sexo do bebê, eu ficava maravilhado com “os métodos” que as mulheres mais velhas utilizavam para descobrir o sexo. Algumas olhavam para a barriga: -“Se for pontuda é um menino, se for arredondada uma menina”. Outros métodos para mim eram ainda mais encantadores, como um pêndulo, formado por uma agulha em uma linha ou fio de cabelo comprido, que colocado sobre a palma da mão da minha mãe, começava a se movimentar (para mim, se tratava de uma força sobrenatural). Se os movimentos fossem circulares, seria com certeza, uma menina, e se ficasse parado ou em movimentos retilíneos, certamente, um menino. Cientificando tal método, suponho que provavelmente, minha mãe devia ter uma barriga pontuda, e a agulha fizera movimentos retilíneos percentualmente superiores aos circulares.

Hoje como biólogo, tal situação, para além das boas lembranças, é algo cômico, mas leva-me a pensar que a ciência que escolhi como profissão, também produziu situações que hoje, são risíveis. Isto ficou evidente, quando buscava leituras sobre o corpo para embasar essa dissertação, tal como, a terapia para fazer o útero afastar-se da cabeça da mulher e voltar ao ventre para curá-la da alienação. Essas práticas científicas parecem algo tão distante e hoje, totalmente *nonsense*. Ao mesmo tempo, situado no hoje e no agora, fico pensando quanto tempo ainda levará para que se torne risível tratar a transexualidade, por exemplo, como distúrbio mental, ou ainda pensar que é o sistema médico-jurídico que detém o direito e a posse do corpo do transexual. Numa ampliação do pensamento, talvez esse tenha sido um dos motivadores para ingressar em tal estudo, conhecer quem ou quais instituições ditam as regras e traçam as linhas da normalidade sobre o sexo, a sexualidade e os sujeitos. Pensando como biólogo, tenho a convicção que os corpos são incomensuravelmente diferentes entre si, sendo assim, não podem ser lidos a partir dos códigos de um único manuscrito.

Antes mesmo de nascermos, esse manuscrito cheio de normas que regulam o corpo ou dizem como ele deve ser, agir e pensar, é acessado e nos coloca em práticas discursivas. Durante a infância, as minhas brincadeiras prediletas eram construir armadilhas para capturar passarinhos, brincar de esconde-esconde ou pega-pega e colecionar figurinhas de animais que vinham dentro das embalagens de chicletes ou chocolates. Dentre outras características, essas

ligadas especialmente ao interesse por animais, possibilitavam algumas leituras para os olhares que me observavam: “ele vai ser veterinário” era o que eu mais ouvia. No entanto, com a mesma ênfase que tais características eram enaltecidas, outras eram rapidamente corrigidas. O verdadeiro encantamento pelos trabalhos manuais, a cozinha, e a total ojeriza por esportes como o futebol, contavam uma história que precisava imediatamente de correção e silenciamento. Na escola, essas correções eram constantemente reafirmadas, desde as aulas de Educação Física até as aulas de Ciências. Havia atividades para meninos e para meninas, havia um corpo masculino e um corpo feminino, e nas aulas de ciências a professora explicava que os meninos “naturalmente” eram mais fortes, agitados e gostavam de esportes. Foi na escola, que aprendi a juntar as letras e ler não somente as palavras e as frases, mas também ler o meu corpo como “fora do lugar”.

Entre os anos finais do ensino fundamental e o primeiro e o segundo do ensino médio, havia inúmeras palestras e atividades que se preocupavam em “ensinar” sobre a sexualidade - hoje consigo entender que se tratava de uma sexualidade com pesos e medidas diferentes para meninos e para meninas - e obviamente, meu corpo já havia até esse momento, contado várias histórias que nem mesmo eu sabia que contava, mas que faziam do meu corpo ser lido como “desajustado” ou até mesmo ilegível para olhares um tanto disléxicos, mas de qualquer forma protagonista de falas “marginalizantes”. Dentre as ações, ditas humanitárias, dos professores, uma era lembrar constantemente que meninos eram meninos e meninas eram meninas. Durante as aulas sobre sexualidade, havia uma professora de biologia no ensino médio, que insistia que os homossexuais possuíam um distúrbio no cérebro, que causava um transtorno e tornava o órgão, feminino. Essa explicação causava pelo menos duas reverberações em mim; uma dava conta de explicar o fato de não gostar de esportes ditos masculinos e gostar das artes plásticas, a outra eu realmente repudiava, pois ser homossexual, de acordo com a professora, e com as falas nos corredores, e nas portas dos banheiros, era estar numa condição no mínimo errada ou inferior. Logo, eu não era homossexual, por não me considerar transtornado mentalmente e muito menos inferior a qualquer pessoa.

Ao sair do ensino médio e entrar para a Universidade no curso de Ciências Biológicas, o processo de disciplinamento e assujeitamento tomou proporções maiores. Ser biólogo era aceitar incondicionalmente, que tudo poderia ser explicado pela biologia. A paixão pela genética e pela bioquímica me fez internalizar que sim. Assim, tudo o que se referia a corpo e comportamentos poderia ser evidenciado nesses campos. Nesse momento, a sexualidade era somente mais um terreno da minha vida, como tantos outros, no entanto, algum tempo depois, ao entrar em sala de aula, ocupando a posição de professor de Biologia, eu era o ator autorizado

e solicitado a falar de sexualidade. Foi aí que a sexualidade bateu na minha porta, e nessa condição falar dela, expõe, mesmo que involuntariamente, a sua sexualidade. Não há como passar despercebido por esse assunto e falar somente da sexualidade alheia. Para muito, além disso, “o corpo fala” e talvez isso explique, por que a escola muitas vezes, silencia ou outorga os poderes da quebra do mutismo do sexo para profissionais da saúde e da psicologia. Quando não há como escapar da sexualidade o professor de Biologia, como eu, assume por vezes, a posição de divulgador científico.

Quando eu me percebi reproduzindo as mesmas falas, as quais considerava absurdas, nos meus tempos de estudante da escola básica, reconheci que para falar dos corpos e da sexualidade dos outros precisava entender sobre o meu corpo e a minha sexualidade. Depois de inúmeras leituras e pesquisas, entendi que o fenótipo estava muito além da relação dos genes com radicais livres, raios ultravioletas ou com a nutrição. Havia algo muito maior que estabelecia as relações entre os seres humanos: *a cultura*. Quando eu entendi a potência da cultura sobre os corpos, a noção de genótipo e fenótipo foi exponencialmente desacomodada. Não eram mais os hormônios ou o cérebro que determinavam condutas, mas sim todo o enredo culturalmente ensinado e compulsoriamente aprendido por meio de reiterações das pedagogias, que ensinavam o que é ser homem ou ser mulher na sociedade.

Essa dissertação é mais um movimento que busca desacomodar as formas de pensar a biologia, no que tange os domínios do corpo e do sexo. Não há interesse e muito menos condições de esgotar o assunto nesse estudo, ou de torná-lo algo parecido com um manual. Creio que a função dessa dissertação se cumpre, quando o sujeito que a lê, a considere provocativa, desperte a curiosidade, repensem suas falas, desconfie, enfim... que o desacomode.

O QUE FIZEMOS COM FOUCAULT

A pesquisa sobre o gênero, corpo e sexo tem se constituído academicamente como um campo de dispersão que se acomoda as diferentes formas de resistência que se criam quando nascem seus novos sujeitos. Intermitentemente a pesquisa se remete a Foucault, pois a potência do pensamento foucaultiano desestabilizou os modos de pensar as ciências, seus saberes e seus poderes.

Nesse estudo, mais uma vez Foucault nos serve, pois nos interessa a análise das práticas discursivas que permitiram a criação de um corpo sexuado e para tal o método arqueológico nos instiga a olhar a reatualização dos enunciados, que ao percorrerem o tempo, recebem em cada época, novas demãos de tinta, tem suas ranhuras preenchidas e a sua superfície polida, que nos parece novo quando nos chegam. No entanto, em cada momento histórico, tais enunciados sofrem rearranjos para que se tornem reatualizados, criando com um novo potencial de força, novas histórias com velhos enredos, que dizem como produzir e disciplinar corpos e identidades.

Para Veiga-Neto e Rech, aderir a Foucault:

Não exige manter-se sempre nas mesmas cadências e soluções harmônicas que ele nos deixou. Ao contrário, é preciso abrir novos caminhos. Examinam-se seus conceitos e os encaminhamentos que ele deu às suas investigações, para segui-los naquilo em que eles podem ser úteis e importantes para nossas próprias investigações. Ser pertinente não implica copiar e reproduzir (VEIGA-NETO; RECH, 2014, p. 72).

Na busca por novos caminhos o estudo que apresentamos está alicerçado em dois territórios: um histórico-teórico o qual foi construído orientando-se pelo método arqueológico de Foucault. No segundo território - a contemporaneidade – recorreremos novamente, a Foucault e adotamos a análise do discurso como percurso metodológico para construir o terceiro artigo dessa dissertação.

Ao tomar o discurso numa perspectiva foucaultiana, consideramos esse como um conjunto de acontecimentos, que apesar de temporais não estão necessariamente ligados à noção de presente ou passado, mas sim de atualidade e de singularidade e nesse sentido, ao nos depararmos com uma prática discursiva, a qual pretendemos conhecer como essa opera na produção de um objeto, se faz necessário questionar, por exemplo, de que forma o que está sendo dito ou o que foi dito, vem à tona em um determinado momento e num certo lugar e não em outros.

Dentro do arcabouço teórico disponível nos textos de Foucault, nos apropriamos da noção de discurso como prática que molda sistematicamente os objetos/sujeitos de que fala, sem esquecer que o discurso é tido como uma série de dispersões de elementos por diversos campos correlatos, não apenas não tem uma origem, um autor, um sujeito, como é constituído em espaços múltiplos permitindo um lugar para o sujeito e seus não sujeitos.

A pesquisa exige um terreno histórico-teórico, um sítio arqueológico, pois para compreender como é possível algumas narrativas sobre o corpo hoje em sua relação com os hormônios, por exemplo, é preciso saber como e em quais condições os discursos advindos de vários campos se enlaçaram, adquirem regularidade e propiciaram o surgimento da própria biologia, que, num segundo momento, com suas ciências associadas, foi capaz de embasar e legitimar a produção de corpos opostos.

O nascimento das ciências não se faz em separado de suas verdades, assim, o conceito e o estatuto da verdade são mais uma ferramenta importante nessa análise. A verdade é um termo recorrente nessa dissertação, dessa forma, se faz necessário expor que a verdade tratada nesse estudo, não está ligada com a ideia de desvelar algo, ou de colocar luz sobre, mas de percorrer um caminho que possibilite reconstruir uma verdade produzida historicamente, tentando mantê-la isenta de condições únicas de interpretação da história, ou seja, de afastá-la de estratégias de poder que criam jogos de verdade, desconstruindo a noção positiva da verdade.

São esses jogos de verdade, que dão condições de possibilidade para que as sociedades, em cada época histórica, construam um regime de verdades. O corte histórico produzido nessa dissertação permite entender como a biologia - um lugar que produz o verdadeiro por meio do discurso científico - operou regimes de verdade, e foi capaz de colocar o corpo orgânico como fundante da hierarquização dos sujeitos, balizando-se na relação entre sexo e verdade. Colocando em cada camada sedimentar do tempo, um lugar específico do corpo, os substancializadores da diferença pautada no binarismo (seletivo) dos sexos.

Enfim, um conceito que se evidencia com mais força no último artigo desse texto, mas que mostra a insuficiência de um olhar arqueológico, é a noção de dispositivo. Em Foucault tomamos como dispositivo a maquinaria ou as ferramentas do poder, acionadas para produzir dominação e assujeitamento. Entendemos que o dispositivo se ramifica por redes heterogêneas que fazem uso de discursos, de instituições, de práticas sociais, de enunciações que produzem o visível, ou seja, o dispositivo faz ver. O dispositivo da sexualidade fez ver e, por conseguinte, dizer sobre a normalização dos corpos, dos desejos, dos prazeres e das condutas.

O CAMINHO DAS PEDRAS

A escrita, que aqui se pretende, é um dos possíveis olhares sobre a perspectiva foucaultiana, a qual se preocupa com a relação entre o nosso objeto e a sua associação como objetos dispersos por campos discursivos diversos, os quais tiveram condições de possibilidade de existência em determinadas práticas discursivas em diferentes momentos históricos. Dessa forma, tratamos essas práticas discursivas de cada época como *monumentos* que permitem, quando encontrados nas camadas sedimentadas do tempo, contar sobre como se pensou, o que se pensou, como foi dito, para que esse objeto tivesse condições de existência. Para tal, investimos esforços para conhecer o que o filósofo propõe a respeito da pesquisa arqueológica.

Essa dissertação como caminhada está dividida em três artigos, dispostos em dois terrenos: Um histórico-teórico o qual, comporta o artigo I¹ e o artigo II², nos quais, buscamos saber como e em quais condições os discursos advindos de vários campos se enlaçaram, adquiriram regularidade e propiciaram o surgimento da biologia. Num segundo momento, nos interessamos por saber os modos que a biologia, juntamente com suas ciências associadas, foi capaz de embasar e legitimar a produção de corpos opostos.

No artigo I tratamos da criação das verdades científicas, tendo como fio condutor a invenção da biologia como ciência. Dessa forma, olhamos os fragmentos e as rupturas do que não foi dito para que a biologia ocupasse um lugar de poder e espaço de saber, o que possibilitou criar a natureza, a qual transformou a história em história natural.

No artigo II, compomos um cenário a respeito da invenção do sexo anatômico e fisiológico. Para tanto, nos debruçamos principalmente, sobre os estudos de Thomas Laqueur e Anne Fausto-Sterling. Com as contribuições desses autores foi possível entender, olhando de dentro do terreno da biologia, como o sexo é efeito do gênero e como a bagagem histórica do gênero interpelou a invenção do corpo sexuado. Mais especificamente, olhamos para o oposto, balizado na retórica da visibilidade e nos substancializadores da diferença a partir do corpo-homem. Dessa forma, percebemos que o enunciado que traz a anatomia como destino da mulher, e a mantém refém de seu corpo, atravessa sistematicamente o tempo, desde os antigos gregos, até o segundo território dessa pesquisa: a contemporaneidade.

Os engendramentos do artigo III³ visam elaborar uma discussão para que seja possível aclarar como o gênero significa e produz a diferença sexual na cultura. Nesse mesmo diapasão,

¹ Os Discursos de Verdade que possibilitaram o Surgimento da Vida e a Naturalização da História. p. 17 - 33.

² Fronteiras Difusas: Os Enlaces do Discurso Biológico na Produção do *Corpo-Oposto*. P. 34 - 50.

³ De Fêmea à Mulher: A Construção de um Sujeito Naturalizável. P. 51 - 71.

a diferença sexual, entrelaçada às noções de gênero, produz um corpo anatomicamente antagônico e sexualmente complementar. Dessa forma, o discurso do essencialismo biológico cria um sexo e uma sexualidade “natural”, portanto, “normal”, sendo o sexo considerado, aqui também como uma produção cultural. Para conceber esta discussão tomamos como objeto empírico um vídeo, disponível Youtube e produzido por um professor de biologia, que ministra uma aula sobre a “evolução sexual feminina” (*sic*).

Por meio da análise do discurso, e inspirado em Michel Foucault, buscamos reconhecer como o essencialismo biológico ou o discurso da anatomia como destino, ainda é acessado para produzir e posicionar o sujeito-mulher tornando-a refém de seu próprio corpo e nesse sentido, percebemos que a biologia é uma prática discursiva capaz de posicionar sujeitos a partir das marcas do corpo, tal como foi visto na análise das falas do professor *youtuber*, pois assim como as ciências não são neutras, as pedagogias também não são. A partir das falas do docente, reconhecemos a naturalização das demandas sociais no corpo biológico da mulher a qual tem sua matriz biológica constantemente transformada em produto da ação humana.

OS DISCURSOS DE VERDADE QUE POSSIBILITARAM O SURGIMENTO DA VIDA E A NATURALIZAÇÃO DA HISTÓRIA

André Morando; Rochele de Quadros Loguercio; Aline Ferraz da Silva

Resumo

Os discursos que constituíram a vida como objeto empírico, mudaram a forma pela qual se representava a história até o século XVIII. As articulações nas redes de saber produziram teorizações sobre a vida que passou a ser uma instância política, a qual necessitava de gestão e manutenção. Dessa forma, novos campos de saber foram produzidos tais como, a biologia, a economia e a agronomia. A biologia, fundamentada como a ciência que se propunha ao estudo da vida e/ou dos seres vivos, criou verdades, as quais se dispersaram por outros campos discursivos e assim, deram condições para controlar e disciplinar a vida da população. Nesse artigo, recorreremos a uma investigação bibliográfica que nos permitiu evidenciar algumas facetas, nos entremeios da história das ciências naturais, as quais serviram de territórios para a construção dessas verdades que propiciaram as condições de possibilidades para inscrever os elementos visíveis da natureza bem como, os silêncios que regulam a vida.

Palavras-chave: Ciências da vida; Historicidade; Verdade.

Abstract

The speeches that constituted life as empirical object changed the way that is represented the history until the eighteenth century. The joints on the nets of knowledge produced theories about life that has become a political instance that need management and maintenance. Consequently, new fields of knowledge were produced such as biology, economics and agronomy. Biology, based like the science that proposed the study of life and/or living beings, has created truths, which are dispersed by other discursive fields and so has the ability to control and to discipline the population's life. In this article, we used a literature search that allowed us to highlight some facets in inset in the history of natural science, which provided the territories for the construction of these truths that enabled the conditions of possibility to subscribe to the visible elements of nature as well as, the silences that regulate life.

Keywords: Science of life; Historicity; truth.

Introdução

A filosofia produziu meios para se construir à ciência no século XVIII ao introduzir os questionamentos da origem e do lugar de onde surgiu o pensamento racional, bem como as condições históricas que fizeram a racionalidade ocupar um lugar de poder, transpondo o tempo e produzindo efeitos na atualidade (FOUCAULT, 2008b). Ainda em Foucault, foi no período das Luzes, o qual o autor cita *Aufklärung*, que a filosofia apresentava traços particulares como: a coerência, a sistematização, e a sua forma conceitual. Contudo, tais características da filosofia da época, eram interpretadas como manifestações essenciais e não construções que permitiam esquadriñar o pensamento. Nesse viés a filosofia, e o pensamento científico, não como interrogações, mas como efeitos das narrativas do processo histórico.

Por meio das contribuições de Foucault (2008b), pode-se vislumbrar que o século XX, ainda estava ligado a um pensamento científico, marcado e estruturado por despotismos e dogmatismos, que colocam em voga a questão das Luzes no centro das preocupações contemporâneas. Para além das articulações políticas e dos despotismos, o ocidente criou marcações que possibilitaram questionar e questionar-se sobre as reivindicações acerca de uma **racionalidade** com validade universal. A partir desses pressupostos, há um interesse em evidenciar as articulações que propiciaram à biologia se constituir como a ciência da vida num processo discursivo, o qual historicamente legitimou uma ideia da realidade e criou lugares para sujeitos humanos e não humanos.

A Dobra e a Rede

O espaço social pode ser pensado como linhas. Estas formações **redes** e **linhas**, segundo Deleuze e Guattari (1996), são divididas em pelo menos três categorias: duras, maleáveis e de fuga. As linhas duras criam as normas, as regras e a disciplina e são formadas pelas grandes massas conceituais facilmente percebidas no meio, tais como, os signos de masculinidade e feminilidade. Elas atuam na formação de binarismos em uma série de formações que impedem sombreamentos ou meios termos. As **linhas** maleáveis causam deslocamentos dos estratos fragmentando-os ou reconstruindo-os. Estas linhas não são tão perceptíveis como as linhas duras, a velocidade das movimentações dependem de cada momento histórico e se constituem a partir de devires e agenciamentos moleculares de saberes. A linha de fuga é imprevisível, ela produz novos territórios, para além das linhas duras ou maleáveis.

Para Deleuze e Guattari (1996), as linhas maleáveis se constituem em *rizomas*, por se assemelharem aos caules de algumas plantas, que se propagam de forma horizontal. No entanto, ao romper o solo, crescem verticalmente e frutificam, como que uma nova planta oriunda de uma semente, contudo, é somente um segmento de um sistema muito maior. Uma floresta inteira, por exemplo, pode ter origem de um mesmo rizoma. Ao observar a paisagem não há como saber qual árvore é a matriz que produziu os eixos ou as direções dos caules. Só é possível ver os efeitos; árvores maiores, menores, frondosas ou com poucas folhas. As linhas maleáveis permitem as nuances e as variações. É nesse sentido que essas linhas, por meio de seus agenciamentos moleculares, se abrem e se fecham em todas as direções formando ou desestruturando estratos. Ainda fazendo uso do exemplo da floresta rizomática, o rizoma pode sofrer uma ruptura, seja por uma movimentação sísmica ou pela correnteza de uma enxurrada. A porção que se desprende estará entregue ao devir, morrendo ou formando uma nova floresta. Essa mesma ruptura no processo de subjetivação de Deleuze e Guattari é tratada como uma linha de fuga.

Para Deleuze e Guattari (1996), esses três tipos de linhas se inter cruzam e se emaranham formando redes. Esta rede para os autores é um estrato histórico, uma forma de pensar, de agir, de ser sujeito em um modelo de pensamento possível de cada momento da história. A rede rizomática é moldada pelo saber-poder. Para Foucault (1979), os processos de subjetivação e objetivação dos sujeitos em uma sociedade, ocorrem por meio de atravessamentos do saber e do poder. Visto que, o rizoma não é capaz de crescer ou tomar forma fora das instâncias do poder, saber-poder é o solo, o substrato em que o rizoma se espalha e adquire formas de acordo com as resistências e com os enfrentamentos que o terreno impõe, tal como um solo pedregoso em que as raízes das plantas se moldam às pedras, circunvizinham-nas ou rompem-nas.

Os momentos históricos são produzidos em relevos discursivos desnivelados e muito distantes de se assemelharem com planícies. Talvez estejam mais próximos de superfícies montanhosas com platôs, vales e depressões. Embora acidentados, estes territórios são formados por estratos que acumulam práticas discursivas, enunciações e comentários, que pela ação do tempo sofrem erosões e novas camadas de sedimentos vão se depositando e se misturando aos fragmentos desgastados fazendo esse território se tornar outro, ainda que provisoriamente. Esses estratos são arquivos dos territórios existenciais, formados por pequenas frações das relações do visível e do dizível de cada contexto histórico, bem como das formas de pensar e de produzir as subjetividades da época. Entretanto, se questiona como um estrato passou a ser outro, e que regime de poder foi capaz de agenciar o visto e o dito das práticas discursivas.

Por meio do conceito de *dobra*, Deleuze (1991), nos permite pensar a experiência da produção de subjetividades pelo intercruzamento do visível e do enunciável na formação de territórios existenciais, sendo que nesse caso, a própria dobra produz e se torna um território que define: o dentro, o fora, o livre, o interdito, o contínuo e o aleatório. Cada momento histórico será atravessado pelo potencial de forças em ação como; a moral, o governo, a economia, os desejos e prazeres e o saber e o poder. Isto faz com que esse momento espacial da história seja capaz de se dobrar em nós. Cada formação histórica terá curvaturas ou dobras diferentes, pois a característica da dobra dependerá da(s) força(s) e da(s) forma(s) que transitam naquele momento. O processo da dobra está intimamente ligado ao poder - REVEL (2005) - e ao processo de constituição de sujeitos e aos modos em que os jogos da linguagem tornam os seres humanos sujeitos da própria existência.

Os jogos de verdade presentes na linguagem podem expor assimetrias entre as práticas discursivas e o que se produz delas, podendo gerar instabilidade na rede, logo, para a manutenção da ordem, a rede sofre um processo de dobra - Deleuze (1991) - como o plissê em um tecido, pontos que estavam distantes um do outro ou topologicamente afastados, aproximam-se com o plissê da rede. A aproximação desses pontos, que *a priori*, eram desconectos e *nonsense*, dão agora uma aparência de verdade à prática discursiva, pois a possibilidade de verdade depende de uma ideia de continuidade. As práticas de normalização reiteram a veracidade dos pontos contínuos aproximados pela dobra na rede, e são dificilmente desestruturados quando socialmente aceitos. A filosofia, a arte e a literatura causam erosões na liga que une esses pontos. São elas que causam as fissuras no sistema e permitem que as informações de dentro da dobra sejam expostas e problematizadas.

A aproximação dos pontos das novas territorializações que as dobras produzem, parecem estar também ligadas aos planos conceituais de identidade, articulados com a estética, a economia, a igualdade, a diferença e a equivalência que engendradas na cultura promovem às noções de pertencimento cultural presentes nos termos de Stuart Hall (HALL, 2006). O sujeito pode pertencer a classes opostas entre si, ao mesmo tempo, contudo, pertencer a diferentes identidades que muitas vezes se opõem e podem gerar um sistema caótico. O sujeito sociológico – Hall (2006) - seria a descrição aproximada para as narrativas da hegemonia do discurso de verdade balizadas em Foucault (1999), pois em uma ordem social, em que a verdade é apoiada e efetivada em uma noção de lógica racional, o discurso sofre restrições internas e externas de acordo com o local de onde o sujeito fala, como fala e qual é a sua posição numa escala de poder e legitimidade em dado momento.

A tentativa de unir os diferentes territórios discursivos dobrados pode colocar em risco a racionalidade do que está sendo dito e a permanência do sujeito no seu(s) local(is) de origem. A deslegitimação baseada no terreno de origem de um discurso e o abismo do descrédito mantém o *status quo* das interpretações impositivas da verdade de uma prática discursiva. Foucault (1999), utiliza o exemplo de Mendel, para demonstrar como a lógica racional e positivista é um divisor de águas entre a razão e a loucura. Os apontamentos de Mendel sobre a herança de caracteres genéticos é um exemplo do regime de verdades. Sobre Mendel, Foucault afirma:

[...] Mendel dizia a verdade, mas não estava "no verdadeiro" do discurso biológico de sua época: não era segundo tais regras que se constituíam objetos e conceitos biológicos; foi preciso toda uma mudança de escala, o desdobramento de todo um novo plano de objetos na biologia para que Mendel entrasse "no verdadeiro" e suas proposições aparecessem, então, (em boa parte) exatas. Mendel era um monstro verdadeiro, o que fazia com que a ciência não pudesse falar nele; enquanto Schleiden, por exemplo, uns trinta anos antes, negando, em pleno século XIX, a sexualidade vegetal, mas conforme as regras do discurso biológico, não formulava senão um erro disciplinado (FOUCAULT, 1999, p. 35).

A racionalidade é um termo de validação na ordem do discurso, ela cria uma chave de classificação binária tal como o normal ou anormal. A razão do discurso não é produzida em uma superfície plana, mas em eixos estruturados de divulgação. Esses eixos produzem e são mantidos por valores, que circunstanciam os sujeitos que serão legitimados e validarão os discursos na categoria do verdadeiro. A manutenção dos eixos de validação pode exigir que a racionalidade também se torne plástica e capaz de se moldar aos interesses dos que as legitimam. Noutra perspectiva, ao exemplo de Mendel, dado por Foucault, Londa Schiebinger (1998), revisita as classificações de Lineau, no século XVIII em meados do ano de 1758. Referenciado até a atualidade como o pai da taxonomia moderna, Lineau cunhou o termo mamífero, que de acordo com a autora, foi advindo de origens sociais.

Para Schiebinger (1998), movimentações sociais na época da revolução industrial, como: a saída das mulheres do lar para ocupar espaços nas indústrias; as parteiras que desafiavam o saber médico da época, os quais legitimavam somente seus profissionais a realizarem os partos e as amas de leite, à disposição, que iam de encontro ao que a medicina pregava sobre os perigos da transmissão de características comportamentais por meio do leite. Estes discursos sobre novos lugares que as mulheres estavam ocupando, produziram debates que romperam as fronteiras do social e adentraram os campos da ciência. Nesses jogos de verdade a autora afirma que Lineau, médico e inserido em uma rede calcada no patriarcado, conseguiu reiterar os papéis do gênero por meio da classificação taxonômica: mamífero e *Homo*

sapiens (SCHIEBINGER, 1998). Dentre várias características que os mamíferos apresentam igualmente e em ambos os sexos, tais como: pelos, ouvido interno e estrutura cardíaca, foi a presença de mamas, somente nas fêmeas, que caracterizou o grupo. Pode-se inferir que o que liga os humanos aos outros animais são as mamas, entretanto, o que os separa dos outros animais é a razão, logo, o homem que sabe, enuncia o local do homem e da mulher na rede discursiva.

O discurso de Lineau (SCHIEBINGER, 1998) estava no verdadeiro, possuía vontade de verdade e a lógica da anatomia como destino, ou seja, de um *télos* do corpo feminino, se moldou aos interesses do eixo da validação do verdadeiro. Lineau ao instituir o termo mamífero, não dava conta de entender as relações de poder que performavam o objeto, o qual ele descrevia, ordenava e induzia uma formação discursiva. O taxonomista olhava para o objeto como seu senhor, impelindo normas de controle e mantendo-se na cena discursiva. Não se pode afirmar uma intencionalidade da produção de um discurso, porque Lineau é o sujeito de um discurso, que nele se fez subjetivação, não seu autor. A partir de Foucault (2000), percebe-se que a história da ciência, explicitou e reiterou esse horizonte de significação, pois desde o ano de 1758 houve inúmeras alterações taxonômicas e reformulações nos postulados de Lineau, mas a classe denominada *mammalia* manteve-se inalterada, estruturada no masculino e para o masculino.

A História Natural(izada)

Segundo Foucault (2000), a época clássica, marcou o pensamento sobre o homem nas culturas ocidentais e pode ter produzido condições para o surgimento de “protociências”. De acordo com o autor, nesse período o homem tinha seu corpo e alma arraigados à natureza e às forças superiores e celestiais, em uma ordem, na qual, a natureza é ativa e o corpo humano passivo, o homem mostrava-se uma imagem fiel da natureza. Portanto, havia uma ligação vital entre o macrocosmo universal e o microcosmo limitado ao corpo, cujo seus humores fluíam de acordo com os movimentos da natureza; como os ventos, as tempestades, o frio, o calor, os animais e as plantas. As movimentações do universo, ocasionadas pelo poder celestial, repercutiam na fisiologia humana, mantendo a harmonia ou a desordem do corpo, dessa forma, o mal ou o bem-estar do corpo e da alma estavam, por exemplo, relacionadas com as tempestades, os ventos ou com as mudanças no clima. A época clássica marcou o discurso da verdade das “pré-ciências naturais” balizando-se na semiótica, onde tudo era efeito de

semelhança e aproximações. A relação entre o homem e o macrocosmo é apontada no trecho em que Foucault se refere ao homem:

(...) ele está em proporção com o céu, assim como com os animais e as plantas, assim como com a terra, os metais, as estalactites ou as tempestades. Erguido entre as faces do mundo, tem relação com o firmamento (seu rosto está para seu corpo como a face do céu está para o éter; seu pulso bate-lhe nas veias como os astros circulam segundo suas vias próprias; as sete aberturas formam no seu rosto o que são os sete planetas do céu); todas essas relações, porém, ele as desloca e as reencontramos, similares, na analogia do animal humano com a terra que habita: sua carne é uma gleba, seus ossos, rochedos, suas veias, grandes rios; sua bexiga é o mar e seus sete membros principais, os sete metais que se escondem no fundo das minas (...) (FOUCAULT, 2000, p. 29).

No transcurso do século XVI para o século XVII as similitudes marcaram a forma de saber da cultura ocidental. O próprio conceito de natureza não existia, uma vez que, o laço entre homem e natureza era estreito de tal forma que impossibilitava pensá-los separadamente. O saber científico estava em decifrar as similitudes, buscando descobrir com o que se assemelham as leis dos signos, no entanto, este saber foi sendo moldado em relações de poder e estratégias econômicas, voltadas para a agricultura, a agronomia, e aos conhecimentos sobre as plantas e animais exóticos. Esses fatores contribuíram para a desqualificação das similitudes, mas em contrapartida se constituíram em outra rede de saber-poder: a história natural da época clássica. Foucault (2000) nos convida a pensar: como a idade clássica foi capaz de definir os domínios da natureza, se ainda hoje, essas definições nos são confusas? E como o sujeito foi capaz de se afastar tanto da natureza, a ponto de analisar e refletir sobre ela? As observações de Foucault (2000) nos levam a questionar como foi construído o conceito de natural. O conhecimento científico nesse período da história, categorizou, classificou e nomeou a natureza. A ordem natural das coisas baseada no cosmos e nas lendas dava lugar às normas da linguagem. A natureza se tornou aquilo que as palavras conseguiam descrever. Contudo, o discurso teocêntrico se manteve, pois o homem nesse momento era quem ordenava e organizava de forma inteligível as criações divinas (FOUCAULT, 2000).

Até meados do século XVII e XVIII não existia história natural, existiam apenas histórias (FOUCAULT, 2000). Um dos nomes do período era Ulisse Aldrovandi, um naturalista italiano, que produzia seres a partir das lendas e do que os viajantes e os antigos falavam. Por meio dos seus bestiários, materializou seres a partir das palavras que os ligavam ao mundo (fig.1). A forma de constituir a verdade desses seres passava pelo saber narrativo, cuja riqueza de detalhes fortalecia e delineava a existência destes. Assim, Aldrovandi narrava histórias que misturavam a anatomia aos alimentos que estes seres consumiam e às substâncias que poderiam ser retiradas deles a fim de preparar possíveis medicamentos, etc.

Figura 1 – Ilustrações de Ulisse Aldrovandi



Fonte: Página virtual da Biblioteca Nacional da França⁴

O olhar de hoje, bestializa a mitologia de Aldrovandi, mas foi a crença na verdade da ciência e a posição ocupada por ele na rede, que manteve o seu discurso no campo do verdadeiro. O regime de verdades produz discursos que narram e moldam o social. Nesse regime, a chave de classificação binária “loucura x razão” é acessada para eleger quais discursos serão aceitos como verdadeiros ou falsos. O regime elenca as técnicas e procedimentos que são tidos como referenciais para a obtenção da verdade, e o estatuto para determinar o que é legítimo e ocupa um lugar de poder para narrar o que será aceito como verdadeiro (REVEL, 2005). Dentre as técnicas que padronizam os procedimentos para se chegar à verdade, a ciência vem ao longo da história, aprimorando seus protocolos para produzir conhecimento, concebido por inúmeras culturas como prova irrefutável da verdade.

O esquadramento da natureza por meio da observação, ordenação, nomeação e a busca pelo conhecimento dos fenômenos e das forças vitais (respiração, reprodução, evolução) fizeram a história se tornar a *história natural*. Por sua vez, a decodificação dos desígnios de Deus, feita pelos taxonomistas, permitiu unir os pontos da rede que estavam afastados. Dessa forma, a perspectiva da continuidade dos pontos, permitiu a legitimação do natural como verdadeiro, por um homem que era pesquisador e sujeito dessa prática discursiva. O saber científico da época clássica, foi sendo desacomodado e deixou de ser constituído pela semelhança, passando a ser construído em uma nova forma de pensar, baseado na análise e nas

⁴Disponível em: <<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb38457405q>> acesso em jul. 2015.

interpretações da linguagem, a qual, nomeia, classifica e procura, por uma ordem progressiva de complexidade, propiciando assim combinações e recortes. O quadro de classificação marca o período final dessa época em que a taxonomia se tornou a ordem do discurso, substancializando o produto do visível e do dizível. No entanto, com o passar do tempo, e as aproximações do século XIX, que trazia consigo questionamentos, promoveu novas rupturas no modelo de pensamento da época. O quadro de classificação dos seres que os nomeava em pelo menos três grandes grupos: animal, vegetal e mineral, não dava mais conta de explicar a decodificação dos signos divinos. Uma nova configuração do modelo de pensamento começa a criar uma desacomodação na história natural. A vida começa a ser anunciada deixando de ser uma categoria de classificação como todas as outras e passa a constituir um limiar que requer formas inteiramente novas de saber (FOUCAULT, 2000, p.22).

Foi a crença na verdade sobre os seres vivos, que permitiu o surgimento das ciências da vida séculos depois. Foucault (2000) afirma que para o surgimento da ciência natural, a história precisou se tornar natural, visto que, não poderia existir uma história da biologia, se a vida fosse somente uma categoria e não um limiar de classificação nesse período. Foucault expõe que:

Pretende-se fazer histórias da biologia no século XVIII; mas não se tem em conta que a biologia não existia e que a repartição do saber que nos é familiar há mais de 150 anos não pode valer para um período anterior. E que, se a biologia era desconhecida, o era por uma razão bem simples: é que a própria vida não existia. Existiam apenas seres vivos e que apareciam através de um crivo do saber constituído pela história natural. (FOUCAULT, 2000, p.175).

De acordo com Foucault (2000), nessa época, a vida ou o estudo dela não existiam, pois a vida estava em intercursos que ligavam o visível ao dizível, sendo assim, se ela não era vista não era descrita, e então não formaria bases para outros saberes. Portanto, “quando a história natural foi dissociada dos seres vivos, eles foram reagrupados em torno do enigma da vida” (FOUCAULT, 2000, p. 415), e a partir do surgimento da vida, novos conceitos e palavras foram criados para descrever os seres vivos. As palavras já não mais limitavam os saberes, mais especificamente, quando o homem se questionou sobre a origem fundante da ordenação dos seres vivos:

A última “peça” que saltou — e cujo desaparecimento afastou de nós para sempre o pensamento clássico — é justamente o primeiro desses crivos: o discurso que assegurava o desdobramento inicial, espontâneo, ingênuo da representação em quadro. Desde o dia em que ele cessou de existir e de funcionar no interior da representação como sua ordenação primeira, o pensamento clássico cessou, no mesmo movimento, de nos ser diretamente acessível (FOUCAULT, 2000, p. 417).

Este deslocamento no modelo de pensamento alicerçado nos domínios da razão, é chamado de modernidade, o qual produziu efeitos não só na ciência, mas na sociedade. Nesse sentido, para Hall (2006), a modernidade também produziu um sujeito social, fundado no discurso da interação entre o *self* e a exterioridade. Partindo do pressuposto que o *self* ou o “eu verdadeiro” é produzido por meio das imagens da cultura, do lado de fora do corpo, a modernidade trouxe novas formas de pensar o homem e sua natureza, estabelecendo as noções de finitude e novas formas de nomear as coisas. A linguagem então produziu novos seres vivos e novas verdades sobre eles, os ratos, por exemplo, não mais se originavam de “roupas sujas” esquecidas em armários escuros, o suco de uva não mais se transformava em vinho pela “força vital do ar” e os sapos e rãs se originavam de ovos e não mais da lama da lagoa. Inferre-se então, a partir de Foucault (2000), que até esse momento, o homem não existia, era apenas o efeito da criação divina. Na modernidade a significação da natureza é feita por um olhar antropomórfico, a nomeação dos seres não mais representa sua identidade, mas as relações estabelecidas com o homem.

Ciência da Descontinuidade

A pós-modernidade ou a modernidade tardia como referida em Hall (2006), traz consigo os questionamentos sobre os grandes relatos, das histórias totalizantes ou unas. Dentro dos pressupostos da pós-modernidade, não há como se pensar em história da biologia, da matemática e das ciências humanas, mas sim em histórias que foram a seu tempo exaltadas ou interditas. Nesses pequenos grupos de interdições e exaltações, o discurso produziu eixos que eram então ditos como campos das ciências biológicas, médicas, exatas e entre outras. Foucault (2008a) propunha evidenciar os rompimentos da história linear e contínua das ciências, abandonando à ideia de origem e adotando o método da arqueologia ou genealogia das pequenas histórias para se traçar os vestígios de verdade nas teias discursivas. Para o filósofo, o método da arqueologia procurava romper com a continuidade buscando entender como as forças do poder foram capazes de mobilizar e organizar as produções de enunciados evidenciando os saberes.

O médico e filósofo Georges Canguilhem (1904-1995), de acordo com Foucault (2008b), reivindicou e proporcionou a constituição da história filosófica da biologia ao romper com as disciplinas “nobres” que fundamentavam a epistemologia científica. G. Canguilhem, rompeu com a formalização matemática da ciência, “sabendo que a importância teórica dos problemas levantados pelo desenvolvimento de uma ciência não é necessariamente diretamente

proporcional ao grau de formalização por ela atingida” (FOUCAULT, 2008b, p.358). Para Canguilhem, a vida não poderia ser explicada pela lógica matemática, sendo assim, os seres vivos não poderiam ser fenômenos reduzidos às explicações científicas que estivessem associadas a tais lógicas. O filósofo fez com que o conhecimento científico sobre a vida, fosse tratado como existência e não como efeito, a partir do momento em que tratou a filosofia da ciência, como filosofia da vida.

Para Machado (2006), Canguilhem entende a ciência como uma produção cultural que detém os procedimentos, os métodos e os experimentos para produzir conhecimento que se articulam entre si, validando o verdadeiro. Canguilhem (apud MACHADO, 2006) aponta para o fato de o conceito preexistir ao conhecimento científico. É o conceito, por meio de sua normatividade que permitirá ler e interpretar os experimentos. Entende-se que a ciência é discurso, no entanto, ao ler uma revista de divulgação científica em massa, por exemplo, é possível perceber que nem todo o discurso científico está necessariamente no verdadeiro. Canguilhem lança um olhar mais atento para a formulação dos conceitos da ciência, uma vez que, toda a ciência se mantém viva pelas relações entre o falso e o verdadeiro. São os experimentos e o método que serão capazes de separá-los, e o conceito permitirá a análise dessas proposições tornando o discurso científico racional.

O conceito é um instrumento de validação interna do discurso científico que permite *cognoscere* uma ciência enquanto processo. Canguilhem (apud MACHADO, 2006) nos possibilita analisar os pontos de contato conceituais das ciências, uma vez que, para o filósofo, os conceitos não possuem limites marcados ou fronteiras. Ao contrário disso; conceitos de uma ciência podem perpassar por outras, como no caso do conceito de reflexo que pode ser o nervoso na fisiologia, ou o da luz na física. Nesse sentido, o conceito de normal, por exemplo, ao transitar de uma ciência para outra pode produzir erros, ou discursos falhos quando observados em uma perspectiva não linear e descontínua (MACHADO, 2006).

G. Canguilhem analisou as discontinuidades, os deslocamentos e os ideais de validação das ciências (FOUCAULT, 2008a). As análises iam de encontro com as noções de verdade científica da época, balizadas pela noção de contingência e pela lógica. Para Canguilhem as ciências da vida, se constituíram como ciência ao se afastarem das disciplinas formalizantes - a matemática, a física e a astronomia – pois, uma ciência que estuda a vida produz resultados que nem sempre podem ser explicados pela matemática ou pela mecânica, nesse sentido havia várias formas de produzir o verdadeiro. O discurso verdadeiro está intimamente ligado com o método recorrente, que em linhas gerais, analisa o passado de uma ciência, buscando verificar as constantes transformações na produção do discurso da verdade científica, ou nos termos de

Machado (2006), da história recorrente, na qual as narrativas históricas são articuladas com a noção de finalidade do presente. Talvez esse seja o ponto chave do método epistemológico de Canguilhem de não olhar linearmente para aos tempos históricos das ciências, mas sim refletir sobre a formulação dos seus conceitos (FOUCAULT, 2008b).

Ao discorrer sobre o método de G. Canguilhem, Foucault (2008b), apropria-se da noção de tempo afirmando que há de sair do processo normativo das ciências e perceber suas discontinuidades, os recortes e ligando os pontos, não sob olhar da erudição, mas da epistemologia. Dessa forma, a biologia recolocada nessa perspectiva histórico-epistemológica apresenta traços específicos em relação às demais ciências, principalmente dentro do pensamento médico, ao tentar traçar os limiares do normal ou patológico.

O patológico sempre foi pensado a partir do distanciamento do padrão da normalidade. Neste sentido, o método recorrente produzia, retomava e teorizava novas articulações conceituais. O normal, assim dito, era concebido de acordo com a perspectiva do observador, nesse contexto, o limiar da normalidade não era fixo e poderia ser expandido ou reduzido. O conceito de anormal na biologia está ligado a noção de desviante, já no discurso jurídico, por exemplo, a normalidade está vinculada a coerência e a hierarquização de regras (CANGUILHEM, 2000). Na biologia, a normalidade não é individualizada, ou seja, um indivíduo não é normal dentro do seu próprio contexto ou das suas condições. Ele se torna normal. Este é um efeito da naturalização de conceitos dentro de um contexto cultural, constituído num poder disciplinador que cria tais regras (FOUCAULT, 1979; CANGUILHEM, 2000).

De forma similar às histórias epistemológicas e descontínuas de Canguilhem, os caminhos da ciência também se tornam objeto de estudo para Latour (2000). Não o da ciência pronta e lapidada em forma de proposições, mas a ciência em construção, que se desenrola pela discontinuidade e também pela potencialidade do erro. Assim, na biologia, por exemplo, o conceito de anomalia aparece de ponta a ponta, fazendo com que todas as questões que saiam do padrão do normal sejam explicadas como anomalia genética, fisiológica ou mental. Ao observar as discontinuidades da história das ciências da vida, e perceber que o conceito de anormal poderia estar contido no território da normalidade, caso o momento histórico fosse esticado, o erro poderia deixar de ser a contingência que desenrola a história da vida. É a noção de erro que permite estabelecer ligações entre a vida e o que dela se sabe, pois é o erro conceitual que coloca em evidencia os problemas filosóficos e os aproxima do verdadeiro, e do conceito de vida (FOUCAULT, 2008b).

Assim, nos termos de Latour (2000), os leigos e até mesmo os cientistas não dão conta do processo de criação das ciências. O que se vê, são os efeitos das ciências como os medicamentos, os satélites, os alimentos transgênicos, a produção de energia e todas as materializações que a ciência produziu durante séculos. Latour (2000) identifica a ciência como uma grande produtora de verdades nas sociedades contemporâneas. Contudo, o autor nos leva a pensar quais são as ações que determinam a construção de uma verdade no laboratório e as transformações que ela sofrerá até chegar aos leigos. As controvérsias ou disputas de interesses são levadas para além das paredes do laboratório como fatos.

De acordo com Machado (2006), a ciência não é natural, pois o fato de naturalizá-la seria como colocar em um mesmo conceito a história, a natureza, as biografias civis e acadêmicas dos cientistas. Seria necessário também colocar nesse conceito os poderes que atravessam as comunidades científicas. Ainda em Machado (2006), dentro da epistemologia de G. Canguilhem, a ciência só pode levantar questionamentos sobre si dentro dos seus próprios domínios territoriais. Exteriorizar os questionamentos sobre a ciência, para além das paredes do laboratório, implica contextualizar com subjetividades. Segundo o autor, não existem critérios exteriores ou universais para se julgar a verdade de uma ciência.

A história da ciência geralmente é contada em totalidade, como se estivesse fora do tempo, supra-histórica, alicerçada por uma verdade eterna e absoluta. Foucault (1979) faz uso da genealogia para evidenciar as rupturas das histórias do passado. Se o saber histórico é feito por pedaços, nada é fixo e constante, a história cumpre com seu propósito, ao permitir, ver o descontínuo. Nesse sentido, de acordo com Foucault (1979), é possível propor que o saber é feito para cortar.

Os Entremeios do Discurso Científico

Ao analisar a ordem do discurso científico, se faz necessário questionar a vontade de verdade para a produção de conhecimento científico, visto o seu apelo positivista, há que se duvidar das certezas. A análise da rede em sua temporalidade espacial e topológica é capaz de restituir a aleatoriedade dos acontecimentos, rompendo o plissê da rede, afastando os pontos contínuos os quais abarcaram a construção das significações “lógicas e lineares” do discurso científico. Nos termos de Foucault (1999), o conhecimento pré-concebido é uma crença, ou seja, é a vontade de verdade que se faz base fundante da racionalidade científica. Para Foucault (1999), a análise crítica e genealógica do discurso permite ver para além da vontade de verdade,

pois o verdadeiro está na possibilidade de verdade, nos entrelaçamentos da rede, na ordem do discurso.

Nesses termos, o homem não necessariamente venera a verdade, mas busca regozijar-se dos benefícios intrínsecos a ela. As representações da verdade estão ligadas à ficção da garantia de encontrar o que promete ser visto. As convenções do verdadeiro permitem a manutenção da vida, no social (Machado, 1999). O espaço social para Hall (2006) é o lugar onde se estabelecem as relações de pertencimento cultural ou identitário do sujeito, é fundado em crenças de verdade, que produzem e são produzidas nas relações de poder.

Dentro das perspectivas críticas da ciência, os ideais regulatórios que normalizam os passo-a-passos pela busca do conhecimento verdadeiro, ou das possibilidades e convicções de encontrar algo que possa estar no verdadeiro, são impossíveis de serem descritos fora do terreno da ciência, uma vez que, o conhecimento científico ascenderia ao grau de verdadeiro quando fosse ao encontro dos pressupostos estabelecidos dentro de pontos de vistas, parciais e isolados que normalizam, regulam e disciplinam a prática científica (MACHADO, 1999).

De acordo com Veyne (2011), Foucault não generaliza a fabricação da verdade e não a tem como condição humana, como na perspectiva nietzschiana. Para Foucault há formação de um regime de verdades que formam um dispositivo de saber-poder. Foucault acredita que:

(...) a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p.12).

A crença na ciência permite que os discursos produzidos de forma verticalizada por ela e criados pelo poder como verídicos, sejam entendidos como verdadeiros e produzam efeitos horizontalizantes na cultura, potencializando as reiterações da norma e da disciplina, corporificando, marcando sujeitos por meio de jogos, entre o verdadeiro e o falso. A partir de Foucault, pode-se inferir que a verdade, nos regimes de verdades ocidentais, está centrada no discurso científico e nas instituições que o produzem, e por sua vez, está intrinsecamente ligada à produção econômica e ao poder político (REVEL, 2005).

Considerações Finais

O saber-poder na história das ciências escreve o irreal no território do real, transformando proposições em fatos. Uma das grandes questões da história das ciências da vida é entender que poder é esse que produz disciplinamento e sujeição. Tanto naqueles que pouco sabem sobre a ciência, quanto nos que fazem dela seu ofício, há um conformar-se quase que generalizado, quando o discurso vem assinado pelo “provado cientificamente”. O objeto de estudo da biologia é a vida, e esta, está muito além das explicações vindas de cálculos matemáticos e das reações químicas/físicas, que é o que se espera das ciências ditas exatas. A biologia, ao se constituir como ciência, afastou-se das ciências matematizadoras, dogmáticas e produtoras de verdade, tal como a mecânica, a astronomia e a física. Foi por se afastar desses dogmas que a fez ciência da vida. Sendo assim, não seria de se esperar uma ciência não exata? Ou a não exatidão a faria menos legítima? Para a sua manutenção na rede, seria necessário produzir sistematicamente discursos exatos? Ou dobrados com aparência de exatos? De maneira mais clara, Machado (2006), indica que:

A ciência é essencialmente discurso, um conjunto de proposições articuladas sistematicamente. Mas, além disso, é um tipo específico de discurso: Um discurso com pretensão de verdade (MACHADO, 2006, p.18).

A ciência é uma sociedade de discurso com sua história de verdade que se disciplina por princípios próprios por meio das práticas regulatórias. O conhecimento, produzido no âmbito das práticas científicas, ao sair do laboratório por meio da divulgação, sofre a ação das histórias de verdades concebidas por práticas regulatórias externas que articuladas na sociedade delimitam subjetividades, jogos de linguagem, objetificações e transitividade do saber. Podemos pensar nas histórias internas e externas de verdade das ciências a partir de uma análise arqueológica de Foucault, levando em conta as questões das dobras do pensamento em Deleuze. De acordo com Foucault (2000), a biologia surgiu em um momento histórico simultâneo a outras ciências empíricas (filosofia transcendental, economia, linguística) se articulavam na formação do homem como sujeito de estudo. Nos termos de Foucault (1979, p.7), não importam os poderes exteriores que agem na ciência, “mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime interior de poder; como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global”.

Em *As Palavras e as Coisas*, Foucault define os sistemas de simultaneidade que podem ser entendidos como uma série de articulações, necessárias para circunscrever os limites de um

novo modo de pensar. Assim, a biologia é contemporânea aos estudos da linguagem e aos estudos que analisam as moedas e as riquezas. Esses saberes engendrados procuravam estabelecer condições para gerir as sociedades (FOUCAULT, 1999). A sociedade percorre terrenos discursivos formados pela imersão e emersão de forças em ação que estruturam o pensamento e são capazes de comandar, modificar, potencializar, reprimir e constituir as ações do indivíduo e da própria sociedade. A forma de pensar é sempre marcada por poderes. Metaforicamente, é como cavar um buraco em areia fofa: por mais que se cave e se tente manter o fundo livre, sempre pequenos grãos de areia estarão chegando ao fundo. A ciência cumpre com a função de empurrar pequenos grãos de poder sobre o pensamento social.

A biologia surgiu em um momento discursivo da história, no qual se buscavam fundamentos em uma filosofia racional, com o intuito de classificar e esquadrihar os seres vivos, delimitando o normal e o patológico, a estratificação das raças, a fundamentação da eugenia, os controles da natalidade e as interdições da sexualidade entre outros. No discurso, agora biológico, o sujeito não é pré-formado por substâncias inertes, a abiogênese foi substituída pela historicidade. Se há história, se faz necessário governar e disciplinar as direções da vida. O discurso científico fixa posições e sistematiza proposições de verdade ou que estão no verdadeiro, a fim de trazê-las ao grau de existência. Há que se dar conta que a verdade não existe, mas sim proposições dela.

Referências

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra**: Leibniz e o barroco. Tradução Luiz B.L.Orlandi. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1999.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. Sobre as maneiras de escrever a história. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Tradução Elisa Monteiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. Verdade e poder. In: _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. A vida: a experiência e a ciência. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Tradução Elisa Monteiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo, UNESP, 2000.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Nietzsche e a Verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: Conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

SCHIEBINGER, Londa. Mamíferos, primatologia e sexologia. IN: PORTER, Roy; TEICH, Mikulás (org.). **Conhecimento sexual, ciência sexual**: a história das atitudes em relação à sexualidade. São Paulo: UNESP, 1998. p. 219-246.

VEYNE, Paul. **Foucault**: Seu pensamento, sua pessoa. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FRONTEIRAS DIFUSAS: OS ENLACES DO DISCURSO BIOLÓGICO NA PRODUÇÃO DO *CORPO-OPOSTO*⁵.

André Morando; Rochele de Quadros Loguercio; Aline Ferraz da Silva

Resumo

Nesse estudo, nos interessa evidenciar como o saber científico construído pelas ciências biológicas produziram um sexo e um sujeito oposto, ou mais especificamente, como as práticas discursivas do determinismo biológico por meio da política de dois sexos, marcou estruturas anatômicas como destino da feminilidade e masculinidade de um corpo. No entanto, historicamente, o conhecimento científico produz uma maneira de pensar a diferença sexual. Contudo, há de se levar em conta, que é a bagagem do gênero e não a ciência que define o sexo. Nessa perspectiva, não há como pensar corpos e identidades de maneira universal, uma vez que, não há uma constante biológica que emane características totalizantes. No entanto, há formas totalizadoras de interpretação das distinções do que é ser masculino ou feminino nas sociedades ocidentais.

Palavras-chave: Sexo; Anatomia; Discurso biológico; Feminino.

Abstract

In this essay, we want to show how scientific knowledge that is made by the biological science has created one-sex and one opposite-person. Particularly, how the discourse about biological determinism is articulated in culture through the policy of two-sex. It signed the anatomic structures, such as the femininity destiny and the masculinity as a body. However, historically, the scientific knowledge produces a way to think sexual variety, but we must consider that is the luggage of a genre and is not a science, which define the sex. In this perspective, there is no way to think about bodies and identities of universal way, since there is not a biological constant emanating that makes totalizators features. However, there are totalizators ways to interpreting the distinctions of what it means to be male or female in Western societies.

Keywords: Sex; Anatomy; Biological discourse; Femininity.

⁵ Tratamos corpo-oposto, como aquele inventado a partir do corpo supostamente tido como o corpo normal, pleno e perfeito: o corpo do homem.

Ato I – O DNA

Na década de 1950, mais especificamente em 1953, os cientistas James Watson e Francis Crick propuseram que no interior do núcleo celular estava o código da vida, nesse código um emaranhado de letras: A-T-C-G, quatro letras essas, que de maneira geral estruturavam tridimensionalmente, o que se conhece atualmente como DNA (ácido desoxirribonucleico). No entanto, somente na década de 1990, a ciência começou a organizar e tentar decifrar os possíveis códigos da vida. O Projeto Genoma Humano trazia consigo inúmeras promessas, tal como, a de desvendar os códigos nos genes das doenças como o câncer, o diabetes, e de grande número de males que afligem a humanidade. Algum tempo depois, a divulgação científica já anunciava especulações sobre genes do alcoolismo (CRABBE; BELKNAP; BUCK, 1994) e da homossexualidade (HARMER; LEVAY, 1994).

O DNA é uma molécula que contém uma série de informações; como a cor dos olhos e o tipo sanguíneo. No entanto, o DNA, mesmo dentro do nucleoplasma celular, não consegue fazer nada sozinho. Há um aparato gigantesco de moléculas sinalizadoras, ribossomos, ácidos ribonucleicos como o RNA mensageiro (mRNA) e o RNA transportador (tRNA), enzimas polimerases, helicases, que engendram o processo da expressão gênica, o que compreende desde a “leitura” do código até a “produção” de uma proteína.

Nesse momento, questiona-se: O que pode o DNA “do lado de fora” da célula ou do corpo?

Ato II – A Célula

Os seres humanos possuem células dotadas de membranas plasmáticas responsáveis pela organização do interior da célula, mantendo-o separado e empacotado, tal característica, nomeia essas células como eucariontes, diferenciando os seres humanos, das bactérias, por exemplo, que possuem um citoplasma sem membranas, onde tudo é misturado (procariontes). Essa característica dos eucariontes de possuir o interior das suas células dividido por membranas ou empacotado permitiu que essas células ao longo da evolução pudessem se unir e dividir funções. O processo de formação do corpo inicia a partir de uma célula, que durante sucessivas duplicações formarão um pequeno embrião. Até certo momento do desenvolvimento embrionário (gastrulação), estas células não são musculares, nem nervosas, nem epiteliais, ou seja, são indiferenciadas e todas têm o mesmo potencial. O processo de diferenciação de uma célula se dá por estímulos químicos, físicos e ambientais, ou seja, uma célula após sofrer estes

estímulos, inicia o processo de diferenciação e poderá se tornar, por exemplo, uma célula nervosa. Um neurônio terá o mesmo DNA que um eritrócito, porém jamais produzirá hemoglobina assim como uma hemácia é incapaz de realizar sinapses (comunicação entre células nervosas). Nessas condições é possível perceber que há características inatas advindas do código genético, assim como, o ambiente influencia a ponto de produzir uma célula diferente da outra, bem como, o conjunto de células semelhantes produzem um ambiente singular, tal como um órgão, o fígado, por exemplo. A célula descrita e ilustrada nos livros didáticos de biologia, cheia de esquemas que relacionam estruturas e funções, sobrevive somente naquelas páginas.

O que pode uma célula sem um ambiente?

Ato III – O Corpo

Ao pensar em todo o processo embrionário de uma célula-ovo até o nascimento do bebê, milhares de células estão diferenciadas e agrupadas em tecidos, formando órgãos que constituirão os sistemas, e por fim, um corpo. Anne Fausto-Sterling (2006), traz reflexões sobre as características inatas, como o sorriso, pois mesmo na condição intrauterina o bebê é capaz de sorrir. Ao nascer, o processo de mielinização ainda não está completo, nesse caso, o controle muscular da criança é instável e sorrir nessa fase da vida se dá por reflexos advindos de impulsos neurais ainda descontrolados. A luz, um ruído, uma carícia ou qualquer outro estímulo que gere um impulso nervoso sobre o músculo zigomático maior, faz com que o bebê levante os cantinhos da boca.

Sorrir, portanto, é uma condição inata e genética (FAUSTO-STERLING, 2006), muito embora, não haja qualquer correlação entre o que se conhece socialmente sobre sorrir e o sorriso do bebê. A condição de sorrir será experimentada pela criança numa interação singular na cultura e não há como afirmar que mesmo em uma determinada cultura todos sorriem pelo mesmo motivo, pois, felicidade, nervosismo, medo ou até mesmo a timidez podem motivar um sorriso.

Como pensar o corpo fora da cultura⁶?

⁶ Para Tomaz Tadeu da Silva, a cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição de identidade cultural e social dos diferentes grupos. (SILVA, 2014, p. 134)

O Sexo é Anatomia e o Gênero é Cultural?

A palavra sexo tem etimologia no latim *seccare* (dividir ou seccionar). Platão ao tratar da formação da humanidade descreve na obra *O Banquete*, seres pré-humanos que possuíam seus corpos unidos como gêmeos siameses. Conhecidos como andróginos, esses seres ao desafiarem os deuses, receberam como punição a separação de seus corpos:

Tomado de compaixão, Zeus consegue outro expediente, e lhes muda o sexo para a frente - pois até então eles o tinham para fora, e geravam e reproduziam não um no outro, mas na terra, como as cigarras; pondo assim o sexo na frente deles fez com que através dele se processasse a geração um no outro, o macho na fêmea, pelo seguinte, para que no enlace, se fosse um homem a encontrar uma mulher, que ao mesmo tempo gerassem e se fosse constituindo a raça, mas se fosse um homem com um homem, que pelo menos houvesse saciedade em seu convívio e pudessem repousar, voltar ao trabalho e ocupar-se do resto da vida (PLATÃO, 1987, p.12).

Ao conhecer a obra percebe-se o sistema binário do gênero: os seres andróginos poderiam ser formados por dois homens ou duas mulheres ou um homem e uma mulher. Nessa construção, o sexo, enquanto ato, estava ligado à reprodução, aos prazeres e ao afeto. Essa multiplicidade de relações mantinha os corpos unidos.

Por meio dos corpos andróginos é possível perceber que o dispositivo que marcava o sujeito é o gênero e não o sexo anatômico. Essa perspectiva alinha-se a análise de Judith Butler que afirma; o sexo como efeito, ou seja, posterior ao gênero (SALIH, 2013). A autora Sara Salih (2013), cita um exemplo de Butler: em uma ultrassonografia, o médico ao identificar o sexo do bebê anuncia o gênero: - é uma menina! A partir desse momento, aquele corpo será marcado e interpelado pelos discursos que ditarão reiteradamente, como é ser uma menina, ou seja, se produz um corpo feminino e conseqüentemente uma conduta compulsória a partir da nomeação (SALIH, 2013).

Para além de Simone do Beauvoir (1980), para quem ninguém nasce homem ou mulher, mas o discurso os cria, seguimos a perspectiva foucautiana, na qual, já se nasce em um discurso. Nas palavras de Foucault (2000) “nada preexiste ao discurso”, ou seja, na atual norma do *sistema sexo/gênero*⁷ não há espaço nem condições existenciais para a conjunção aditiva /e/ no que se refere ao corpo-sexo. No entanto, se um indivíduo intersex, por exemplo, pudesse nascer

⁷O sistema sexo/gênero foi proposto pela antropóloga Gayle Rubin que o define por “uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1975, p. 3).

fora do discurso da patologia, nos permitiria pensar como Anne Fausto-Sterling (2001), a natureza pode produzir mais de dois sexos. Dessa maneira, a política de dois sexos e as noções de masculino e feminino é advinda de práticas discursivas e se tornam vigentes na cultura. Para Fausto-Sterling (2001), a complexidade do sexo está para além das imposições científicas, mais especificamente, quando afirma que:

O sexo de um corpo é simplesmente complexo demais. Não existe o isso ou aquilo. Antes, existem nuances de diferença, [...] rotular alguém homem ou mulher é uma decisão social. Podemos utilizar o conhecimento científico para nos ajudar a tomar a decisão, mas só nossas crenças sobre o gênero – e não a ciência – podem definir nosso sexo. Além disso, nossas crenças sobre o gênero também afetam o tipo de conhecimento que os cientistas produzem sobre o sexo. (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 15)

Os corpos intersexuais são exemplos da insuficiência das bases biologizantes do sexo, uma vez que, podem deslizar da linearidade entre cromossomos e genitália, e precisam pelo menos na cena médica, se adequar a um gênero a partir do suposto sexo verdadeiro. Isso permite que esses corpos se tornem sujeitos interpretados e anunciados. Nesse sentido, de acordo com Fausto-Sterling (2001), os signos definidos como atributos masculinos ou femininos estão misturados à experiência social do gênero. A adequação do sexo a partir do gênero vai ao encontro do conceito de hegemonia de Butler, que se alinha à perspectiva de poder de Michel Foucault. Para o autor, ao se tratar dos discursos sobre sexo há de se levar em conta às inúmeras estratégias de poder, que articulam uma série de elementos ditos e silenciados. Nesse sentido, Foucault entende o discurso como:

Uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. Mais precisamente, não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre discurso admitido e discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado (FOUCAULT, 2014, p. 109).

A partir do conceito de poder de Foucault, entende-se que o poder constitui os sujeitos por coerção discursiva e não física – pelo menos em um primeiro momento. Os corpos poderiam ser narrados para além da “doutrina de interpelação” baseada nos órgãos genitais (BUTLER, 2008), tal como acontece nos povos Yorubás na Nigéria, em que os indivíduos são posicionados e narrados socialmente não pelo sexo, mas sim por sua idade. Nessas culturas, a sabedoria é condicionada pela idade e é essa relação que produz sistemas hierárquicos. O corpo importa tanto para as culturas eurocêntricas, quanto para os povos Yorubás, entretanto, em um modelo cultural, é o corpo sexuado que recebe atenção e no outro, é o corpo historicizado pelo tempo que produz identidades.

Nicholson (2000) percebe a formação das identidades na coexistência dos dados biológicos e dos fatores de personalidade e comportamento. Para a autora, o corpo não é a origem da diferenciação masculino/feminino, mas sim o destino da distinção que atua nas sociedades. Nicholson (2000) defende que as populações humanas são variáveis e diferem dentro de si mesmas, não somente na forma de pensar ou agir, mas também na constituição física dos corpos. Dessa forma, não há uma constante biológica que emana características totalizantes, mas há formas quase que totalizantes de interpretação das distinções do que é ser masculino ou feminino nas sociedades ocidentais.

Do Incomensurável ao Quantitativo

O sexo e o gênero operam a produção de um *corpo-homem*⁸ e um *corpo-mulher* (BENTO, 2006), bem como as expectativas de masculinidades e de feminilidades. Os trânsitos e as possibilidades do ser masculino e do ser feminino, a experiência da sexualidade e do gênero nos permite pensar um corpo situacional (LAQUEUR, 2001; BUTLER, 2008). Biologicamente, machos e fêmeas localizam-se nos pólos de um sistema que classifica indivíduos por meio de características anatômicas e de condutas comportamentais. Fausto-Sterling (2006) usa o exemplo dos corpos intersexuais, para afirmar que o aparato biológico apresenta variações setoriais.

Laqueur (2001), em sua abordagem histórica sobre a construção do sexo, nos permite percorrer a história do corpo sexuado desde os gregos (300 a.c), até a psicanálise freudiana. Para os antigos gregos, a gradação de calor marcava a perfeição de um corpo, e o gênero era o efeito da quantidade de calor de um indivíduo, pois sua ação fazia com que os órgãos sexuais saíssem do interior do corpo. Nesse sentido, o pênis representava o ápice. A mulher por possuir pouco calor (portanto imperfeita) mantinha seu pênis interno, bem como seus testículos e seu escroto. O modelo de isomorfia carnal ou de sexo único mantinha órgãos atualmente conhecidos como ovários e útero, como testículos e escroto femininos.

O conceito da mulher como um homem imperfeito rompeu os séculos, chegando praticamente intacto até meados do século XVIII, quando o pensamento científico substituiu o modelo de sexo único pelo de sexos separados. Há um forte indício, por meio da interpretação dos estudos de Laqueur (2001), que a invenção ou descoberta do clitóris entre o século XVI e

⁸ Os termos *corpo-homem* e *corpo-mulher* são trazidos por Berenice Bento e de maneira ampla, tratam dos corpos interpelados pela cultura a qual revela o sexo do corpo, tornando-o sexuado.

XVII tensionou a mudança epistemológica para o modelo do sexo separado no final do século XVIII, muito embora, de acordo com o autor, não é possível pensar que somente uma estrutura do corpo, ou uma movimentação cultural, produziu um novo corpo com sexos separados. Uma série de mudanças na economia, no trabalho, nas relações políticas e religiosas e no saber médico e jurídico, fez com que cada uma delas produzisse uma pequena mudança no corpo, até que resultou em corpos com sexos diametralmente opostos. Essas práticas discursivas (economia, trabalho e religião) não produziam falas sobre os corpos apenas, mas sim um dispersão discursiva capaz de se encontrar com outros campos correlatos como a medicina e as ciências psi, dessa maneira, nesses campos correlatos, houve a patologização do desejo feminino. O saber médico, segundo Foucault (2014), constituía um *corpus* de saber, capaz de instituir as regras e as formas de viver, que tornava os elementos do meio favorável ou prejudicial à saúde. O excesso ou a falta do desejo sexual constituía prejuízos ao coletivo. Nesse sentido, Foucault (2015) trata a sexualidade como uma condição discursiva constituída pelo saber e pelo poder:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2015, p. 115).

Ainda para Foucault (2014), os médicos estavam em um lugar de poder capaz de regular a anatomia individual e o corpo social. A descoberta do clitóris, por exemplo, não retirou o discurso do isomorfismo carnal da Renascença. Laqueur (2001) sugere que esse fato se deu pela demanda política, mais especificamente:

[...] a representação anatômica masculina e feminina depende da política cultural de representação e ilusão, não da evidencia sobre os órgãos, canais ou vasos sanguíneos. Nenhuma imagem, verbal ou visual, dos “fatos da diferença sexual” existe independentemente das alegações anteriores sobre o significado dessas distinções (LAQUEUR, 2001, p. 92).

O clitóris dentro da política cultural da Renascença começa a ser problematizado no final do século XVIII e meados do XIX, pelo contrassenso: se a mulher é um homem invertido, como ela poderia ter dois pênis um interno e outro externo? O isomorfismo sexual manteve-se até então articulando as noções de masculino e feminino, que estabelecia um sistema em que o sexo poderia ser variável, mas o gênero-desejo-prática sexual fixo e, obviamente, dependente do sexo situacional. Uma criança, por exemplo, poderia ser criada como menina, mas por meio

de esforços físicos, excesso de calor ou desejo constante por sexo, poderia subitamente ter seu pênis, até então interno, exteriorizado. Tal movimentação no corpo é evidenciada quando Foucault (2014) comenta sobre o modelo Galênico do corpo, bem como, da relação entre desejo/prazer e o indizível do corpo:

Essa artimanha faz funcionar três elementos. Primeiramente, os órgãos, que são dados a todos os animais e servem para a fecundação. Em seguida, uma capacidade de prazer, que é extraordinária “e muito vívida”. E, finalmente, na alma, o desejo (*epithumia*) de se servir desses órgãos – desejo surpreendente (*arrheton*). O “sofisma” do sexo não reside, portanto, simplesmente numa disposição anatômica sutil e em mecanismos cuidadosamente ordenados: ele consiste também em sua associação com um prazer e um desejo, cuja força singular está “além das palavras” (FOUCAULT, 2014, p. 134)

Embora as movimentações do sexo no corpo fossem aceitas, o comportamento homossexual era violentamente combatido. Uma mulher não poderia ter relacionamento com outra a menos que fosse comprovado, pelo saber médico, que seu pênis se encontrava externo ao corpo, o que compulsoriamente a tornava um homem, pois havia sido encontrado seu verdadeiro sexo. Para Laqueur (2001), o que atualmente chamamos de sexo e gênero era articulado na Renascença num sistema de significação, no qual era impossível de escapar para um suposto substrato biológico determinista.

A correlação entre a base biológica e o êxtase sexual pode ter sido em algum momento do século XVIII, o divisor de águas para o modelo de sexos separados. Acreditava-se até então de acordo com Laqueur (2001), que o orgasmo era fator fundamental para a concepção, pois a produção de calor e os tremores do corpo faziam com que o sêmen (do homem e da mulher) saísse dos membros (*pansemia*) e fossem direcionados para o ventre da mulher onde seriam misturados. No momento em que o orgasmo deixa de estar presente nos informes médicos sobre concepção do século XVIII, há uma movimentação para a mudança do pensamento científico (LAQUEUR, 2001).

A percepção da não correlação entre orgasmo e fecundação tornou-se um aliado para a busca quantitativa e localizada da diferença. Havia a necessidade de produzir um *corpo-oposto* ao *corpo-homem*. As supostas descobertas das diferenças entre homens e mulheres, já vinham como nos termos de Laqueur, marcados por uma linguagem secular da representação do poder do gênero. Para Laqueur (2001), o sexo oposto surgiu a partir de uma mudança tanto epistemológica quanto política. Tais afirmações vão ao encontro das ideias da feminista de Joan Scott que percebe a matriz biológica como contingente dos signos das relações sociais. Para Scott (1995), as diferenças biológicas dos corpos sexuais são interpretadas e hierarquizadas

na sociedade. O conhecimento científico do século XVIII pôs abaixo a cosmologia Galênica do modelo de uma só carne, na qual “a mulher é um homem ao avesso” (LAQUEUR, 2001). A criação de um corpo natural e sua sinonímia com o conceito de natureza foi capaz de retirar a perfeição baseada na quantidade de calor presente nos homens, entretanto, sacralizou o corpo feminino e o manteve refém de seus ciclos reprodutivos muito aquém do contrato social.

A Diferença é Subcutânea

As rupturas nos estratos históricos e conseqüentemente a mudança da epistême da época, retirou o discurso da cosmologia no século XVIII, entretanto trouxe consigo a censura do sexo. Para Foucault (2015), o século XVII, marcou o início do “silenciar” o sexo, pelo menos, no nível da linguagem, pois, não falar sobre sexo foi uma estratégia de controle por um poder capaz de governar a vida: o *biopoder*. A censura autorizava somente alguns locutores e em algumas situações a falar do sexo e a ciência era um locutor autorizado a romper o mutismo, e procurava materializar as interdições da linguagem transpondo-as ao corpo (FOUCAULT, 2015). Talvez seja essa a crítica de Foucault sobre a repressão do sexo, pois o fato de autorizar locutores, tal como a ciência, obrigava a falar do sexo, ou seja, apesar da interdição nunca houve o silêncio, pois, haviam aqueles que podiam dizer sobre o sexo e os que não podiam (os interditados). No entanto, por conta dessa estratégia de produção de lugares autorizados e sabedores legítimos, houve a criação de descontinuidades ou lacunas. A sexualidade estava nessa situação, inter-dita (entre os ditos), nas dobras do pensamento. Neste sentido, a ciência não censurou o discurso do sexo, mas sim regulou o dito e o inter-dito produzindo enunciações que no ocidente foram responsáveis pela criação da *scientia sexualis* (FOUCAULT, 2015). Essa ciência, por meio da confissão, do inquérito sobre a prática sexual, produzia a verdade do sexo a qual orientava a formulação do discurso da própria *scientia sexualis*, que normatizava o corpo carnal pelo saber e o normalizava pelo poder moralizante. Nos termos de Foucault:

[...] Era uma ciência feita de esquivas já que, na incapacidade ou recusa em falar do próprio sexo, referia-se, sobretudo às suas aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas, exasperações mórbidas. Era, também, uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas (FOUCAULT, 2015, p. 59).

O corpo torna-se objeto de significação da ciência numa construção sistemática do conhecimento, uma vez que, os inquéritos e confissões relatavam as sensações de prazer ou êxtase experimentadas no corpo. Nessas condições o *saber/poder* normatiza e normaliza corpos

baseando-se em um modelo dicotômico e conseqüentemente hierárquico. Um homem normal se diferencia de uma mulher normal; um homem anormal (homossexual, por exemplo) tem desejos similares a uma mulher normal. Logo, as explicações estariam em uma fisiologia e anatomia antagônica que (re)significa o corpo. Nesse momento, o saber científico do século XVIII, misturado às noções de gênero, concentrou esforços para comprovar a diferença, olhando cada vez mais para dentro do corpo (OUDSHORNN, 1994).

O “lado de fora” do corpo não dava conta de explicar as nuances de corpos e identidades. O véu que cobria a verdade última do corpo-sexo era a pele. Segundo Londa Schienbinger (1986), o desvelar orientou olhares da diferença para o esqueleto. Os primeiros desenhos datados de 1750 representam o crânio feminino menor, apontando para uma relação da capacidade intelectual menor. O peso do gênero lançou um olhar mais atento à pélvis feminina, mais larga, demonstrava assim, a essência do feminino que naturalmente estava mais apta para a moda e a maternidade. Um corpo “naturalmente” ou “pré-disposto para”, se moldou às demandas sociais. As ditas “leis naturais” impulsionaram os estudos científicos do século XIX.

O útero e os ovários (LAQUEUR, 2001), no século XIX, passam a ocupar uma posição de destaque da então chamada essência feminina. Tornando-se um sinônimo do feminino, a mulher é passiva da regulação útero-ovariana, refém da sua própria biologia. De acordo com Fabíola Rohden (2008), na segunda metade do século XIX, as articulações entre órgãos reprodutivos e a sexualidade feminina efervesciam no discurso médico e conseqüentemente se relacionavam com as definições do normal e do patológico. A mulher era o efeito dos seus ciclos reprodutivos, desde a puberdade até a menopausa (ROHDEN, 2008).

As desordens advindas dos órgãos reprodutivos perpassavam o corpo e se substancializavam na sociedade. Percebidos como alienação mental causada pela histeria e pela loucura puerperal (ROHDEN, 2008; LAQUEUR, 2001), nota-se a (re)significação do discurso da sexualidade do período aristotélico no século XIX. Ambos estão ligados à sanidade mental, porém em Aristóteles, o sexo (enquanto ato) era uma forma de aliviar o corpo do excesso de substância cerebral, portanto, um tratamento. Já no século XIX, o excesso de desejo nas mulheres era a própria patologia. Dessa forma, tanto no modelo de sexo único quanto no de sexos distintos, as movimentações culturais refletem na ciência, mais especificamente como Laqueur cita:

Em um mundo público predominantemente masculino, o modelo de sexo único apresentava o que já era muito evidente na cultura mais genérica: *o homem é a medida de todas as coisas*, e a mulher não existe como uma categoria distinta em termos ontológicos. Nem todos os homens são masculinos, potentes ou poderosos, e algumas mulheres ultrapassam alguns deles em cada uma dessas categorias. Porém o

padrão do corpo humano e suas representações é o corpo masculino (LAQUEUR, 2001, p. 75)

Noutro momento, entre os séculos XVIII e XIX, a linguagem segundo Laqueur (2001), foi capaz de criar discursivamente dois sexos, dando-lhes nomes específicos. Testículos femininos passam a ser denominados ovários, e assim, sucessivamente, a linguagem cria nome após nome, construindo um novo sexo: o *sexo-oposto*.

Historicamente o corpo é classificado pelo seu “lado de fora”. No entanto, quando a epiderme não mais dá conta de contornar a diferença, nos damos conta, nos termos de Louro (2003), que há “corpos que escapam” desse sistema que classifica a partir da aparência. De forma clara, a autora afirma que:

Se é à aparência dos corpos que se está referindo, então, a verdade deve ser, provavelmente, a da natureza, ou melhor, a da biologia. Não é à toa que as discussões sobre gênero e sexualidade, embora pretendam aceitar a importância da cultura, acabem por se remeter, sempre, a uma “verdade” inexorável dos corpos. Ainda que comportamentos, códigos e normas culturais sejam reconhecidos, eles são considerados, de certa forma, como algo que se agrega, como algo que é “posto sobre” uma superfície preexistente (LOURO, 2003, p.2).

Ainda em Louro (2003), esses corpos que escapam são efeitos de disputas entre diferentes instâncias que buscam dizer o que é aquele corpo, como se comporta ou o que virá ser. A bio-ciência como uma dessas instâncias, coloca o corpo sexuado no discurso. Um discurso que somente ela tem as bases para produzi-lo ou para contestá-lo. Nesses termos, quando a percepção da diferença não é mais possível em níveis molares como a pele, os ossos e os órgãos, o olhar da ciência se direciona cada vez mais para o interior do corpo, o molecular.

Os Domínios Moleculares da Diferença

A ciência no século XVIII, criou condições que permitiram perceber que o útero não se movimentava a ponto de se aproximar do cérebro causando distúrbios. Nesse sentido, havia de se buscar o elo entre os órgãos reprodutivos e a mente. Tal fato ocorreu somente no final do século XIX. Os hormônios foram nomeados pela ciência, mais especificamente em 1º de junho 1889, pelo médico francês Charles Eduard Brown-Sequard, ao publicar em uma importante revista científica da época os efeitos de auto-injeções com líquido testicular de cães e cobaias. Apesar do pouco interesse naquele momento pela comunidade científica, a organoterapia, nos anos seguintes, entrou fortemente na cena médica (FREEMAN et al., 2001).

Com o surgimento da endocrinologia, foi possível ligar os hormônios à genética, à fisiologia, à anatomia e à psique. Nesse momento, o corpo se torna hormonal e tudo nele é explicado pela falta ou pelo excesso de hormônios. A busca pela diferença entre gêneros no século XX se torna cada vez menos anatômica e se abre para um novo campo de articulações: um corpo agora bioquímico. De forma mais clara Rohden comenta que:

[...] até o século XIX era nítida a busca de um órgão que a explicasse e fundamentasse, já nas primeiras décadas do século XX o desafio era entender como as substâncias produzidas pelas gônadas operam o processo de diferenciação. Se antes o ovário poderia ser visto como centro condensador da feminilidade, assim como o testículo, da masculinidade, agora se tratava de descobrir o mecanismo de produção da feminilidade e da masculinidade. O paradigma bioquímico de causa e efeito determinava o que se deveria procurar e até onde as explicações deveriam chegar. Foi nesse contexto de busca pelas causas últimas dos fenômenos e de marcada relação entre gênero e sexo físico-corporal, substancializado em órgãos e agora em secreções internas, que se ‘descobriram’ os chamados hormônios sexuais (ROHDEN, 2008, p. 146).

Os chamados hormônios sexuais (estrogênio, testosterona e progesterona) agenciam dois grandes campos discursivos: a gestão dos gêneros e da sexualidade. Tratados por Celia Roberts (2007), como mensageiros do sexo, pela capacidade de levar a mensagens das gônadas para o cérebro, os hormônios participam da construção de cérebros masculinos, femininos ou mistos segundo as supostas comprovações científicas. Assim, é possível perceber que há pelo menos três sexos em um mesmo corpo: gonadal, genital e cerebral que estão alinhados pela norma heterossexista nos *corpos-homem* e *corpos-mulher*. Há que estar atento à ação do gênero aos hormônios.

A testosterona, por exemplo, é produzida em maior quantidade nos testículos, logo, está compulsoriamente ligada ao masculino e ao *corpo-homem*. Contudo, a testosterona seria só mais um hormônio, caso fosse tratada somente como hormônio do crescimento, responsável por estimular tecidos no *corpo-homem* e no *corpo-mulher*. Para além do discurso do gênero, não há como interpretá-la, pois ela não traz a bagagem dos ideais de masculinidade, tais como a força física e a libido. Da mesma forma, a progesterona, que auxilia a manutenção da gestação no corpo da mulher, se liga diretamente à maternidade.

A partir de 1959 de acordo com Marianne Van den Wijngaard (1991), houve um grande interesse por parte da ciência em avaliar os efeitos dos hormônios femininos em corpos masculinos e vice-versa. Desses estudos surgem posteriormente às teorias dos hormônios pré-natais ou a teoria organizacional. Wijngaard (1991), analisa ensaios laboratoriais que propiciaram a criação do comportamento sexual mediado por hormônios pré-natais. Para os

cientistas da época, a ação de hormônios na fase intrauterina moldaria permanentemente (efeitos pós-natal) o cérebro, e, por conseguinte, o comportamento sexual dos bebês.

Os ensaios laboratoriais se baseavam na administração de hormônios andrógenos em fêmeas de cobaias, e na castração dos machos com o intuito de verificar o comportamento durante o acasalamento. Os cientistas concluíram que pela ação dos hormônios as fêmeas sob a ação da testosterona apresentavam o comportamento de monta – tido como natural nos machos. Os machos castrados arqueavam da parte traseira do corpo (lordose). Nesse momento, houve a naturalização do comportamento masculino e feminino, pois, as interpretações sociais do gênero foram acionadas para atribuir tais condições às cobaias uma vez que, os comportamentos de monta ou lordose de acordo com Wijngaard (1991), poderiam ocorrer em ambos os sexos rotineiramente e o ensaio da cópula poderia ocorrer de diversas combinações.

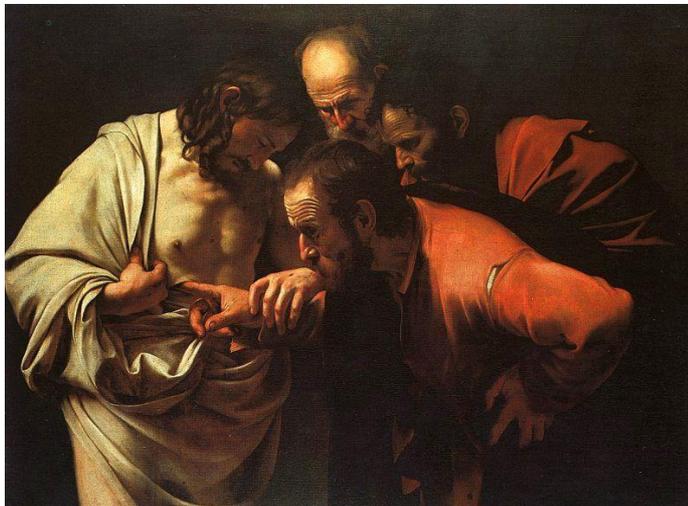
A teoria da organização do cérebro mediada por hormônios pré-natais espelhava fatos culturais. O cérebro se tornava masculino pela presença da testosterona, entretanto o estrogênio não produzia um cérebro feminino isso se dava pela ausência do hormônio andrógino causado pela castração dos machos. Somente a testosterona tinha o efeito organizador na fase embrionária. O discurso do feminino continua sendo a falta, desde a antiguidade pela falta de calor (LAQUEUR, 2001), a falta do pênis na psicanálise freudiana e no conhecimento científico do século XX pela falta de testosterona.

Algumas Reverberações

A diferença entre homens e mulheres produziram dispersões discursivas em diversos campos como: o da medicina, da religião, da economia, o jurídico e tantos outros. Nesse estudo, buscamos conhecer o discurso das diferenças que enlaçavam as ciências biológicas, dado que, nesse campo discursivo, o corpo humano foi dissecado, categorizado e sexuado. Olhando cada vez mais para porções mais ínfimas, como se a verdade última do corpo estivesse em seu interior. Quando o lado de fora do corpo foi acusado de confundir os olhos de quem o observava, a biologia produziu um saber capaz de extrair a verdade de dentro do corpo. A verdade vinda do interior do corpo aparecia na ideia de essência do ser no Iluminismo, do *self* na psicanálise, na origem das doenças para a medicina e na alma nos discursos do cristianismo tal como, na pintura de Caravaggio (Figura 2) “A incredulidade de São Tomé” o protagonista desconfiado, franze a testa e se inclina introduzindo seu dedo indicador na ferida de Cristo que espantosamente não derramava sangue. A vontade de verdade que sustenta o ceticismo de São

Tomé, deslegitima a verdade vinda do exterior do corpo. Dessa forma, olhar para dentro do corpo, através da ferida, atestou a veracidade da imortalidade de Cristo.

Figura 2 - A Incredulidade de São Tomé, por Caravaggio



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3ACaravaggio_-_The_Incredulity_of_Saint_Thomas.jpg

As ciências, mais especificamente as ciências biológicas, produziram os meios e as técnicas para comprovar que esta verdade da diferença, advinda de vários discursos estava lá, no corpo. Nesse sentido, a biologia sistematizou a produção de verdades, ora olhando o esqueleto e os órgãos, ora as moléculas como os hormônios e o DNA. Tal noção da verdade no corpo, rompe os séculos, e chega à contemporaneidade, que nos remete a pergunta inicial: O que pode o DNA fora da célula? Podemos responder que o DNA sozinho nada é capaz, e se o tratarmos como informação pode-se dizer então, que a vida não é orgânica, a vida é informação, muito além do corpo. Se todas as células do nosso corpo possuem o mesmo DNA, mas ao se diferenciarem tornam-se especializadas, o que impossibilita, por exemplo, um neurônio de produzir hemoglobina, se faz necessário pensar, em quais grupos celulares estaria à informação que regula a sexualidade (masculinidade e feminilidade).

A questão nesse momento é: como o DNA consegue produzir não um corpo, mas um sujeito?

Um corpo com receptores para a testosterona no tecido epitelial, da região facial, poderá produzir pelos, no entanto, é a cultura que atribui a barba como condição masculina, que a liga diretamente ao *corpo-homem*. Como pensar o corpo uma superfície pré-existente a cultura? Nestes termos, concordamos com Louro (2013, p. 77), “os corpos são o que são na cultura”. Da mesma forma que o sorriso, o corpo que se torna sujeito não pode ser pensado de forma universal e pré-cultural, pois também se trata de um processo uno e de interação singular. Nos

termos de Fausto-Sterling (2006), a investigação dos sistemas ontogênicos tem pouco ou nenhuma influência sobre pesquisas de um dos produtos do *sistema sexo/gênero*, a sexualidade humana. Para a autora isso se deve porque:

En primer lugar, tenemos que dejar de buscar causas universales del comportamiento sexual y la adquisición del género y aprender más sobre (y de) la diferencia individual. En segundo lugar, tenemos que esforzarnos en estudiar el sexo y el género como partes de un sistema ontogénico. En tercer lugar, tenemos que ser más imaginativos y concretos en lo que respecta al término *entorno* (FAUSTO-STERLING, 2006, p. 294).

Investigar a origem biológica da diferença comportamental entre os sexos é pensar o corpo separado do ambiente, como em um tubo de ensaio. O que se produz de verdade tem efeito somente naquele espaço e naquelas condições. Dessa forma, percebemos a relação corpo-cultura como a relação órgão-corpo ou célula-tecido.

A materialidade do sexo está arraigada nas interpretações advindas do meio social. Tal mistura das concepções de natureza e cultura são capazes de produzir o sexo a partir do gênero. Esta condição está alinhada a concepção de sexualidade de Anne Fausto-Sterling (2001, p. 60) “a sexualidade é um fato somático criado por um efeito cultural”. Os sujeitos intersex são efeitos culturais corporificados da abjeção e da marginalidade do sexo, e os ideais de regulação produzem o corpo-sexobiologizável naturalizado na dimensão social. Foucault em seus apontamentos sobre a vida de Herculine Barbin, uma mulher hermafrodita do século XIX, evidencia a criação do monstro da abjeção pela ausência do verdadeiro sexo. A experiência de Herculine é descrita por Foucault:

Criada com uma moça pobre e digna de mérito, em um meio quase que exclusivamente feminino e profundamente religioso, Herculine Barbin, apelidada pelos que lhe eram próximos de Alexina, fora finalmente conhecida como um “verdadeiro” rapaz; obrigado a trocar de sexo legal, após um processo jurídico e uma modificação do seu estado civil, ele foi incapaz de se adaptar à sua nova identidade e acabou se suicidando (FOUCAULT, 1982, p. 4).

A partir do excerto do texto de Foucault, a respeito da condição de Herculine Barbin, é possível perceber que nas práticas discursivas, num primeiro olhar o sexo está em uma categoria biológica e com isso precisamente essencializadora, fixa e imutável. A partir de Laqueur, vislumbra-se que o sexo não é a origem, mas sim o efeito das práticas regulatórias. Assim sendo, o sexo bem como toda a sua bagagem biologizante são destinos e invenções do discurso.

Partindo do pressuposto que as populações humanas variam tanto em genótipos, quanto fenótipos, bem como nas formas de pensar e agir, inclusive dentro de um mesmo grupo, não há

como se estabelecer uma norma do que é ser um homem padrão ou uma mulher de verdade. Se pensarmos pelo viés biológico uma mulher de verdade será aquela heterossexual, reprodutivamente viável, com um útero procriativo, instintivamente maternal e passiva. Talvez seja quase que impossível em um mesmo grupo encontrar exemplares com todas essas características unidas em um mesmo ser. Por consequência, todos são cópias deficitárias de um padrão utópico. Por fim, Foucault, nos causa mais uma inquietação que nos auxilia a encerrar esse artigo ao questionar: Por que precisamos de um verdadeiro sexo ou ainda de um sexo oposto?

Referências

- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CRABBE, J.C.; BELKNAP, J.K.; BUCK, K. Genetic animal models of alcohol and drug abuse. **Science**, n.264, p.1715-1723, 1994.
- FAUSTO-STERLING, Anne. **Cuerpos sexuados: la política de género y la construcción de la sexualidad**. Barcelona: Melusina, 2006.
- _____. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17/18, p. 9-79, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A história da Sexualidade II: A vontade de saber**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- _____. **A história da Sexualidade III: O cuidado de si**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. O verdadeiro sexo. In: BARBIN, Herculine. **O diário de um hermafrodita**. Tradução de Irley Machado. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- FREEMAN, E. R.; BLOOM, D. A.; MCGUIRRE, E. J. A brief history of testosterone. **The Journal of Urology**, v. 165, p. 371-373, Feb. 2001.
- HAMER, D.; LEVAY, S. Evidence for a biological influence in male homosexuality. **Scientific American**, v. 270, p. 44-49, May 1994.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. Corpos que escapam. **Labrys: estudos feministas**. Brasília, n. 4, ago./dez. 2003.

- LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer. 2. Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2013.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.
- OUDSHOORN, Nelly. **Beyond the natural body**: an archeology of sex hormones. London: Routledge, 1994
- PLATÃO. **Banquete**. Tradução e notas José Cavalcante de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- ROBERTS, Celia. **Messengers of Sex**: Hormones, biomedicine and feminism. New York: Cambridge University Press, 2007.
- ROHDEN, Fabíola. Império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. **História, Ciência, Saúde. Manguinhos**, v. 15, supl., p. 133-152, 2008.
- RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a economia política dos sexos. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS CORPO – Gênero e Cidadania, 1975
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- WIJNGAARD, Marianne Van Den: The acceptance of scientific theories and images of masculinity and femininity: 1959-1985. **Journal of the History of Biology**, 24, 19-49. 1991.

DE FÊMEA À MULHER: A CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO NATURALIZÁVEL

André Morando; Rochele de Quadros Loguercio; Aline Ferraz da Silva

Resumo

A ciência do sexo historicamente produziu/produz saberes e autoriza atores a multiplicá-los como verdades. O educador é um desses atores que está em um lugar de poder privilegiado, que o possibilita multiplicar esses discursos. Na contemporaneidade, o processo pedagógico não se restringe somente à sala de aula, aos livros e enciclopédias. A cultura produziu artefatos que rompem os limites físicos e são capazes de ensinar. Nesse artigo, olhamos para a fala do professor de biologia sobre o feminino, mais especificamente o “*professor youtuber*”. No presente estudo, buscamos reconhecer e problematizar a materialização e naturalização das demandas sociais no corpo biológico. Da mesma forma, evidenciamos como a matriz biológica da mulher é transformada em produto da ação humana na fala do docente.

Palavras-chave: Gênero; Biologia; Cultura; Discurso.

Abstract

Historically the science of sex has made knowns, and it has permitted actors to multiply them as a truth. The teacher is one of this actors who is set in a place of power and who can multiply these kind of speeches. Contemporaneity, the pedagogical process is not limited into the classroom, books and encyclopedias. The culture produced artifacts that it breaks through the physical limits and it is able to teach. In this essay, we are looking at the speaking through biology teacher about the feminism, particularly the “*youtuber teacher*”. In this study we looking for questioning and recognizing the materialization and naturalization about the social demands in a biological body. In the same way, we highlight how the woman biological matrix is changing in a human action product through the teacher speaking.

Keywords: Gender, biology, culture, speech.

Introdução

Na contemporaneidade, de certo modo a visibilidade é um fator cada vez mais buscado na sociedade, e nesse sentido as redes sociais provocaram uma revolução no início do século XXI. Já no começo dos anos 2000, termos como *Orkut*, *Facebook*, *Linkedin*, *YouTube* se tornavam cada vez mais popularizados e usados como ferramenta de exposição.

O YouTube⁹ surgiu em 2005, com o propósito de divulgar vídeos entre amigos e atualmente, é um dos maiores sites de divulgação *streaming* da *web*¹⁰. De forma simples e auto-explicativa, o *site* conta com uma plataforma que permite ao usuário buscar e assistir aos vídeos com base em palavras chaves (*tags*) ou fazer *uploads*¹¹ compartilhando-os com outros usuários e divulgando-os em outras redes sociais, onde poderão ser assistidos sem que haja à necessidade de recondução para o *site* de origem. Esse tipo de ação em que os internautas produzem, divulgam e consomem determinado conteúdo, chamada de cultura participativa (JENKINS, 2008), tem ganhado cada vez mais adeptos e se tornado uma potente ferramenta de *marketing* para diversas áreas do entretenimento, da educação, da religião, da política, do humor e de tantas outras. Este fato se deve aos números estratosféricos de visualizações que um vídeo pode alcançar.

O usuário para fazer um *upload* ou se tornar público, condição que o possibilita comentar e avaliar outros vídeos no YouTube, precisa criar um canal no *site*. Sendo assim, ao buscar um vídeo por meio das palavras chaves, a mídia com mais visualizações e curtidas, torna-se a primeira de uma lista, o que confere maior probabilidade de ser vista e manter o seu *status*, contudo, há que se levar em conta que a popularidade do vídeo *per se* não está necessariamente ancorada à autoridade no assunto.

O processo de ensino e de aprendizagem também está inserido no virtual. Nesse ponto, cabe uma importante ressalva, uma vez que, *professores youtubers*¹² ao ministrarem aulas ou discutirem temas em seus canais, estão inseridos em um sistema informal de ensino. No entanto, o que se observa é a potência de tal sistema na produção de subjetividades, tal como o da escola formal. Entende-se então uma relação equivalente enquanto efeito entre os *professores youtubers* e os usuários que buscam informação no *site*, da mesma forma que entre os professores e alunos em uma sala de aula.

⁹ Endereço eletrônico: <http://br.youtube.com/>

¹⁰ Tecnologia de fluxo ou transmissão de dados pela internet.

¹¹ Envio de arquivo ou dados, por meio da internet, para um computador remoto

¹² *Youtuber*, na cibercultura é a pessoa que produz vídeos para o site Youtube. Seja como passatempo ou seja como atividade laborativa. O professor youtuber, de maneira geral, produz video-aulas para o referido *site*.

Assuntos como a sexualidade, por exemplo, requerem se estabeleça um ambiente favorável tanto para o professor quanto para o aluno, que propiciem a desinibição, a liberdade para a fala e o incentivo para abrir o diálogo com os discentes, e nesse sentido, recursos midiáticos, notícias, textos e inúmeros artefatos podem ser trazidos ao âmbito pedagógico para que seja produzido um cenário onde os discentes e professores possam criar enredos sobre o tema. As disciplinas de ciências e biologia possuem a sexualidade como conteúdo integrante em seus currículos muito embora, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1999; 2002), sugiram que a orientação sexual seja tema transversal à todas as disciplinas. Na escola, a orientação sexual segundo Guacira Lopes Louro (2000), cumpre seu papel social com um diálogo que problematize questões de credices, tabus e valores a ela associados. Para tal, se recorre a autora, que afirma:

Nada é exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. (LOURO, 2000, p.8).

No entanto, cremos que não é possível tratar dos diálogos sobre sexualidade nos espaços de aprendizagem sem que haja, previamente, uma abordagem sobre as questões de gênero, uma vez que, as normas que regulam a sexualidade atravessam os corpos generificados com diferentes intensidades, como visto por Gayle Rubin (2012, p.40), “sexualidade é um elo entre relações entre os gêneros, muito da opressão das mulheres é suportada por, mediada através de, e constituída dentro, da sexualidade”. As regras, as exclusões, as interdições são forças que atuam de forma diferente sobre corpos-homem e corpos-mulher. Partindo dessa perspectiva, se faz urgente, necessário e ético falar sobre as perspectivas do gênero na educação, seja ela caracterizada como formal ou informal. Nesses termos, o espaço virtual de ensino e de aprendizagem configura-se como um espaço que produz subjetividades da mesma forma que a educação formal. Nesse estudo, nos interessa reconhecer e problematizar a materialização e a naturalização do social no corpo biológico presente na fala do *professor youtuber*, o qual se propõe a explicar o substrato biológico que ancora o “ser mulher” na sociedade reatualizando, práticas discursivas, que se balizam na anatomia e na fisiologia para dizer sobre o destino da mulher, tornando-a refém de seus órgãos, hormônios além de fazer da maternidade, propósito último do seu corpo e da sua identidade.

Na Epiderme o Gênero

Há corpos que são moldados de forma diferente pela cultura, pois o poder atuante nas normas regulatórias do sexo, da sexualidade, da estética tem diferentes intensidades sobre corpos-homem e corpos-mulher, é este último o corpo moldado e objetificado de forma mais severa pelas normas de gênero que habita esse estudo. Ser homem, ser mulher ou todos os nuances do “ser” é estar em meio a um conjunto de normas regulatórias que se distribuem em redes discursivas capazes de normalizar e naturalizar condutas, posicionamentos e comportamentos, produzindo subjetividades. Para Louro (2000), os sujeitos têm em seus corpos inscrições das instituições que “ensinam” o que é ser homem ou ser mulher na cultura. De forma clara a autora evidencia que:

Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. Esse não é, no entanto, um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados, e são participantes ativos na construção de suas identidades (LOURO, 2000, p. 16).

Para além das pedagogias do gênero, há que se levar em conta, de acordo com Gayle Rubin, o quão político é o sexo. Mais especificamente:

Como em outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade em um determinado tempo e lugar são produto da atividade humana. São imbuídas de conflitos de interesse e manobras políticas, ambas deliberadas e incidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político. Mas há períodos históricos em que a sexualidade é mais nitidamente contestada e mais excessivamente politizada. Nesses períodos o domínio da vida erótica é, de fato, renegociado (RUBIN, 2012, p. 2).

Ane Fausto-Sterling (1993), em seu livro “*The Five Sexes*”, traz um exemplo extremo do quão político é o sexo, e por meio da narrativa da experiência do intersexo Levi Suydan, e a sua proibição ao voto¹³. A autora evidencia que ele era visto como mulher, embora, ele se anunciasse homem, tal conclusão era devida a percepção do corpo e do comportamento de

¹³ Levi Suydan viveu nos Estados Unidos no século XIX. O episódio narrado por Anne Fausto-Sterling, se passa no ano de 1843. As mulheres conquistaram o direito ao voto, em todo o território americano, 77 anos depois, em 1920.

Suydan, seus ombros estreitos, os seus gostos pela costura e o repúdio por trabalhos ditos masculinos denunciavam a essência feminina. Ele só pode votar graças a um exame médico, no qual supostamente, fora descoberto seu verdadeiro sexo. O médico atestou a presença do pênis no paciente, muito embora, após as eleições, na qual o partido de Suydan ganhou por um voto, foi descoberto que o jovem tinha menstruações regulares (FAUSTO-STERLING, 1993).

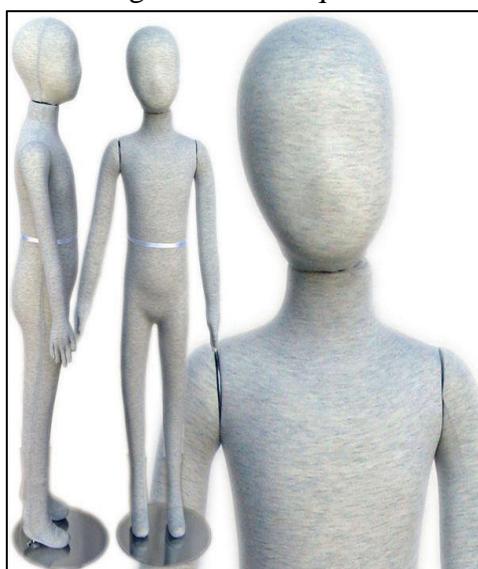
O exemplo, trazido por Fausto-Sterling pode parecer à exceção, mas permite inferir que estabilidade e permanência não são constantes quando tratam do corpo e do gênero (e sexualidade), pois essas duas instâncias do sujeito são efeitos ou produtos das constantes construções e desconstruções da cultura. Se o corpo de Suydan fosse pensado fora da patologia ou da anormalidade, sequer estaria em uma intersecção entre corpo-homem e corpo-mulher, ele estaria em um terceiro, quiçá num quarto ou quinto arquétipo de corpo e gênero. No entanto, o conceito de desordem ou doença nas culturas ocidentais, está ancorado em um substrato biológico, e mantém a ideia que haja apenas dois sexos e consequentemente a noção de macho e fêmea transforma a heterossexualidade em uma única orientação sexual normal (FAUSTO-STERLING, 1993).

A partir do corpo intersexo é possível compreender que o corpo é uma produção discursiva inteiramente cultural. Não há como negar a materialidade do sexo, no entanto, há que se atentar para as contribuições foucaultianas a partir das quais é possível inferir que o corpo-matéria não existe para além do discurso. Dessa forma, em uma análise fora da perspectiva biologizante, não se pretende negar, por exemplo, o pênis ou a vagina como matéria do corpo. Contudo, é no discurso que essas estruturas corporais atraem atenção e são capazes de esquadrihar um corpo a partir de construções polarizadas do gênero que interpelam sujeitos. É na linguagem que o pênis é atribuído ao macho e a vagina a fêmea. O discurso é capaz de formar um corpo a partir de um *phalo*, sendo que o contrário – um corpo sem genitais – precisará de outras leituras e signos para que lhe seja atribuído um artigo /o/ ou /a/. Berenice Bento utiliza a experiência transexual para reiterar a construção de um corpo sexuado a partir da performance do gênero:

O corpo-sexuado (o corpo-homem e o corpo-mulher) que dá inteligibilidade aos gêneros encontra na experiência transexual seus próprios limites discursivos, uma vez que aqui o gênero significará o corpo, revertendo um dos pilares de sustentação das normas de gênero. Ao realizar tal inversão, deparamo-nos com uma outra "revelação": a de que o corpo tem sido desde sempre gênero e que, portanto, não existe uma essência interior e anterior aos gêneros (BENTO, 2006, p. 21).

É possível reiterar os termos de Butler, ao mencionar o gênero preexistente ao sexo de forma materializada. As figuras abaixo permitem ilustrar como ocorrem as possíveis articulações do sistema sexo-gênero. Na figura 3, um corpo em branco mostra-se como uma folha, somente com linhas. Para encontrar uma forma de chamar esse corpo, a linguagem anunciaria esse sujeito provisoriamente como a criança, o que impossibilita definir o gênero. Entretanto, a linguagem quase que compulsoriamente, obriga a leitura do corpo através dos signos do gênero, aos quais cada cultura elenca caracteres de masculinidade e feminilidade.

Figura 3 - Manequins



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/87398048995777512/> Acesso em jun/2016

Figura 4 - Manequins com roupas



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/544161567454398585/> Acesso em jun/2016

Na figura 4 é possível inferir que os signos do gênero, tais como a vestimenta e as cores, são capazes de ascender um corpo ao grau de sujeito. Mesmo não havendo um pênis ou uma vagina na figura, o gênero concede um sexo ao corpo. Linda Nicholson (2000), usa o exemplo do cabide de casacos para discorrer sobre criação do corpo sexuado a partir do gênero:

Quando se pensa o corpo como um “cabide” no qual são “jogados” certos aspectos de personalidade e comportamento, pode-se pensar no relacionamento entre os dados do “cabide” e aquilo que nele é jogado como algo mais fraco do que determinista, porém mais forte do que accidental. Não se é obrigado a jogar sobretudoos e cachecóis num porta-casacos; pode-se, por exemplo, jogar suéteres e até diferentes tipos de objetos, basta mudar suficientemente a natureza material do cabide. Mas, se sempre vemos um porta-casacos cheio de sobretudoos e cachecóis, não exigimos muita explicação, afinal trata-se de um porta-casacos (NICHOLSON, 2000, p. 3).

A estilização do gênero parece ser natural pela repetição, contudo não há nada de natural, mas sim de naturalizado, uma vez que, o próprio conceito de natureza sofre rearranjos

na cultura. Para Bento (2006), a heteronormatividade é responsável por orientar esse olhar naturalizador do corpo, do gênero e das subjetividades.

A presença de um pênis ou uma vagina no manequim da figura 4, já o tornaria menino ou menina no discurso biológico. Não haveria então a necessidade em anunciar o corpo por meio das roupas, das cores, do comprimento do cabelo (caso aparecesse na figura). O corpo da figura – não possui história, está na abjeção, no entanto o fato de lhe pôr um vestido cor-de-rosa possibilita imaginar seus gostos, a cor do seu quarto, o comprimento do cabelo, a personalidade, o timbre de sua voz. Para tais situações, esse corpo não precisou ter sexo, mas obrigatoriamente, para que saísse da abjeção, lhe fora dado um gênero. É nesse sentido que Butler (2008) traz o sexo não como a origem, mas sim como efeito do discurso da sexualidade. Por meio das inferências sobre as figuras 3 e 4 percebemos que no discurso da hegemonia heterossexista não se tem um corpo, se é um corpo. Não basta saber simplesmente que se trata de uma criança, para além dessa vontade de saber, há uma maior: a de identificar em qual polo do gênero aquele corpo se encontra. A heteronormatividade, de acordo com Butler (2008), cria um corpo legível, avesso à abjeção, daí a necessidade de enquadrá-lo em um gênero.

A partir da análise das figuras, é possível inferir que o corpo é uma situação, é um lugar de inscrição, uma trajetória que conta uma história. A leitura do corpo pelo olhar da norma heterossexista cria uma condição retilínea: corpo-sexo-gênero, sendo a condição inversa, tida como patológica - na cena médica-, tal como a transexualidade. De acordo com Bento (2006), o diagnóstico da transexualidade para a posterior inscrição do/a transexual nos programas de transgenitalização utiliza como uma das ferramentas denominada *Teste de Vida Real*, na qual o/a candidato/a cirurgia é obrigado/a fazer uso, no cotidiano, dos signos do gênero requerido, tal como roupas, maquiagens, adornos e o desejo direcionado ao gênero oposto. Percebe-se então, a partir deste teste, que o corpo é reinventado na leitura do gênero e tal condição nos leva a entender que o corpo transexual é efeito do discurso que enquadra os sujeitos em dois polos sociais de identificação a partir do dimorfismo sexual. Sendo assim, é possível perceber que o “trânsito do sexo” é operado pelo gênero (BENTO, 2006).

Historicamente, a interpretação corpórea depende do gênero por meio dos signos de masculinidade e feminilidade, ou seja, um corpo nunca é somente um corpo, ele traz consigo toda a bagagem do(s) gênero(s). Para Joan Scott (1995), o gênero é uma categoria que relaciona as estratificações sociais com as diferenças entre sexos, na qual, o gênero ou ainda a partir dele, é demarcado os lugares que os sujeitos ocupam e como atuam na sociedade.

Para Gayle Rubin (1975), uma sociedade construída sob um substrato biológico terá a matriz biológica do corpo transformada em produto da atividade humana, e são os ideais do

gênero que transformam uma fêmea *Homo sapiens* em uma mulher na sociedade. Rubin (1975) busca entender como essa transformação acontece. Nicholson (2000) percebe o corpo biológico mutável e não exclui o substrato anatômico na produção do gênero. No entanto, faz uma importante ressalva na base biológica pensada no ocidente uma vez que, para a autora há vários corpos que pensam, agem e são marcados pela raça e pela cultura. Dessa forma, Nicholson (2000), rompe com a ideia do essencialismo biológico no qual o corpo é imutável e, de maneira geral, igual para todos.

A Heterossexualidade como Ferramenta para a Naturalização

Ao investigarmos como as ciências biológicas, produzem conhecimento sobre os seres vivos e/ou ecossistemas, entramos em um universo onde tudo está explicado por meio da chave; estrutura-função. Nessa linha de pensamento, podemos estabelecer uma problematização sobre a reprodução. Nos mamíferos, por exemplo, a reprodução é sexuada e constantemente nos deparamos como o princípio da teleologia para explicá-la por meio da estrutura do pênis e da estrutura da vagina na função reprodutiva. Nesse sentido, podemos dizer por meio das explicações biológicas, que “naturalmente” o sexo, enquanto ato, está ligado à reprodução. Tal situação do sexo/reprodução é operada no e pelo gênero, que inevitavelmente, estabelece binômios hierárquicos, no qual o primeiro termo sempre marca uma relação de poder superior ao segundo. Como por exemplo: macho/fêmea, espermatozoide/óvulo e marido/mulher.

Para Rubin (1975), os indivíduos são assujeitados ao gênero nas relações sociais, sob ação do modelo econômico no qual a sociedade está ligada e a família é uma das esferas que sustenta tal modelo. Logo, o gênero é atribuído de forma que garanta o casamento entre homem e mulher. O próprio sistema sexo/gênero estabelece exclusão de características entre sexos e torna a heterossexualidade como uma norma ou como a sexualidade natural, tornando a reprodução sexuada e a heterossexualidade, sinônimos. A partir de Foucault (2015), podemos inferir que o dispositivo da sexualidade - por meio dos seus discursos e regras, estabelece redes estratégicas de saber e poder, que disciplinam e controlam os corpos e os prazeres - teve condições de existência e de multiplicação graças ao dispositivo de aliança.

O dispositivo de aliança para Foucault (2015), que está ligado ao matrimônio, à transferência de riquezas e de bens, já posicionava os sujeitos por meio do gênero antes do século XVIII, visto que o modelo de sexos separados ou do dismorfismo carnal se deu em meados do século XVIII. Não há como dizer que o dispositivo da sexualidade substituiu o dispositivo de aliança uma vez que, na contemporaneidade, ambos estão presentes e se

sustentam na cultura em uma relação codominante. A relação entre esses dois dispositivos é evidenciada nas palavras de Foucault:

Numa palavra, o dispositivo de aliança está ordenado para uma homeostase do corpo social, a qual é sua função manter; daí seu vínculo privilegiado com o direito; daí, também, o fato de o momento decisivo, para ele, ser a “reprodução”. O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 2015, p. 116).

A família, a partir do século XVIII, se tornou o lugar legítimo da sexualidade, mais especificamente no quarto dos pais, e é na família que acontece a permuta da sexualidade com a aliança ou como dirá Foucault: “transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo da sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime de aliança” (FOUCAULT, 2015, p. 118). Essa permuta ainda é vista na contemporaneidade, por exemplo, nos debates sobre o casamento igualitário entre pessoas do mesmo sexo. No Brasil, os movimentos contrários ao casamento não heterossexual se apoiam na defesa da família (homem e mulher e filhos) ou da sua manutenção. No entanto, um dos discursos que está inter-dito (entre os ditos), e talvez o mais pulsante, é a manutenção de uma sexualidade compulsória e “normal”: a heterossexualidade.

Nesse artigo relacionamos a sexualidade aos desejos, aos prazeres, enfim às sensações. Tais desejos e prazeres são experimentados sobre uma matriz orgânica: o corpo. Denominamos essa experiência da carne como sexo. Sendo assim, o sexo é experiência, logo não está necessariamente ligado ao objeto do prazer ou do desejo, mas sim aos seus efeitos ou em outros termos, podemos dizer que o sexo é abstrato. A sexualidade, e por consequência a orientação sexual, é uma criação da cultura, portanto temporal e não universal. As tribades, por exemplo, mulheres ditas masculinizadas e ativas da Grécia Antiga se agrupariam, na contemporaneidade, entre as lésbicas, muito embora na antiguidade elas desafiassem o poder e a política do gênero, na contemporaneidade desafiam a heterossexualidade. Podemos dizer que a sexualidade está ligada a um conjunto de normas regulatórias que estabelecem redes discursivas capazes de normalizar e naturalizar condutas, posicionamentos e comportamentos produzindo subjetividades. De outra forma, as práticas discursivas produzem efeitos na biologia.

A heterossexualidade enquanto palavra é posterior a homossexualidade, tal fato se deve ao húngaro Karl Kertbeny que em 1869, coloca em pauta no cenário político da Alemanha um olhar “benigno” sobre o desejo sexual entre pessoas do mesmo sexo. Até esse momento, a homossexualidade era tratada como prática da sodomia e como crime. Desta forma, da criação

homossexualidade se produziu a heterossexualidade. É importante frisar que, a partir da construção do neologismo homossexual, criou-se uma nova categoria de sujeitos (avessa à da anormalidade a qual englobava os loucos, as prostitutas, os ladrões e tantos outros) operada em uma identidade posteriormente, denominada *gay* (WEEKS, 2000).

De acordo com Weeks (2000), a ideia inicial de Kertbeny era normalizar a homossexualidade tratando-a como uma sexualidade variante, no entanto, a homossexualidade foi capturada e dissecada no domínio médico-moral. A heterossexualidade foi teorizada, durante o século XX, como a sexualidade normal e a homossexualidade - o seu inverso. Nesse sentido, não havia interesse em explicar a heterossexualidade, pois como Weeks (2000, p. 42) afirma: “Uma norma talvez não necessite de uma definição explícita; ela se torna o quadro de referência que é tomado como dado para o modo como pensamos; ela é parte do ar que respiramos”.

A partir das contribuições de Weeks (2000), a respeito da norma e do quão desnecessário se faz a sua definição torna-se claro os motivos pelos quais as pesquisas que tratam a sexualidade como biologicamente determinada, buscam a origem ou as causas da homossexualidade. Não se divulgam pesquisas sobre o gene da heterossexualidade, no entanto, a “descoberta” do suposto *gene gay* foi amplamente divulgado na década de 1990, (BAILEY; PILLARD, 1991) (BAILEY et al, 1993) (BAILEY et al, 1999) (BAILEY; DUNNE; MARTIN, 2000), e ainda está na ordem do discurso biológico. Outra importante questão sobre a produção do sujeito homossexual pelas pesquisas biomédicas está em definir como se estabelece o grupo amostral da pesquisa. Para tal estudo é preciso indivíduos que se auto-identifiquem *gays*, no entanto, aquele homem que se auto-identifica heterossexual, mas que esporadicamente, tem desejos sexuais por pessoas do mesmo sexo, o que o leva a se relacionar com estas, fará parte de qual grupo na pesquisa? Amostra ou controle? Como escrever o ilusório no real?

Ao narrar outras sexualidades e identidades para além da heterossexualidade, percebemos que a partir do século XVIII a heterossexualidade, advinda do modelo de sexos separados, se mantém na contemporaneidade pelo binômio homem/mulher (nessa ordem) que produz um eixo graduado capaz de mensurar corpos, identidades e práticas sexuais em um ideal de normalidade. De forma menos abstrata e inspirada pela ideia de centro de Linda Hutcheon (1991), podemos pensar a sociedade como uma esfera, a qual tem seu interior preenchido por uma massa com densidade variável a qual chamaremos de cultura e ao centro dessa esfera daremos o nome de normalidade. No espaço da normalidade teremos o corpo-homem e o corpo-mulher na configuração *cis* (homem-pênis e mulher-vagina), pois uma das instâncias que os mantém nesse espaço é a heterossexualidade. Sendo assim, todos os pontos, variações setoriais

ou nuances que escapem ou deslizem do centro, serão por meio das práticas discursivas, que atuam como forças de repulsão colocadas cada vez mais, às margens da esfera e isso se dará de forma mais rápida ou não dependendo da densidade da cultura. Nesse sentido, nas sociedades ocidentais, por exemplo, onde a cultura ainda não oferece resistência para que indivíduos sejam afastados do centro, um casal gay *cis*, está muito mais próximo do centro que um casal de mulheres *trans*.

Nesse momento, nos questionamos: como pensar para além desse modelo? Ou como desacomodar tais estruturas? Inspirados em Foucault (2009), partimos do pressuposto que o saber é feito para cortar e a educação é um meio capaz de produzir pelo menos dois efeitos nessa esfera: romper com ideia de centro ou tornar a margem um lugar de poder.

Sobre a Escolha do Material e sua Análise

Para a nossa análise do discurso, tomamos como referência o arcabouço teórico de Michel Foucault. Tomar o discurso numa perspectiva foucaultiana é tê-lo como um conjunto de acontecimentos, que apesar de temporais não estão necessariamente ligados à noção de presente ou passado, mas sim de atualidade e de singularidade. É questionar, por exemplo, por que um enunciado vem à tona em um determinado momento, num certo lugar, e não outros.

De acordo com Rosa Fischer (2001), quando nos propomos a analisar um discurso pelo referencial foucaultiano não há que se olhar às entrelinhas, ou procurar o discurso que está por trás, mas sim de manter a análise no nível da existência, das palavras ditas. Mais especificamente:

Para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas, práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um discurso. Para Michel Foucault, é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar (FISCHER, 2001, p.198).

A partir de Foucault, nos damos conta que os discursos de diversos campos discursivos podem se unir para produzir um objeto. O discurso que propõe a biologia como origem transita por vários campos discursivos como a medicina, a patologia, a psiquiatria, a psicologia entre tantos outros. Nesse estudo, procedemos com um recorte que direciona o olhar para o campo discursivo pedagógico. Para tanto, definimos como objetivo a análise das enunciações presentes na fala do docente de biologia no que tangencia a construção do sujeito mulher. Para além da

análise dos enunciados e inspirados em Gayle Rubin, também temos interesse em explorar as formações discursivas do material analisado no que diz respeito aos acordos entre natureza-cultura que permitem uma fêmea *Homo sapiens* se tornar uma mulher na sociedade.

Para tal propósito, se constituí objeto empírico de estudo um vídeo disponível no site <http://www.youtube.com>, produzido por um professor e biólogo. Consideramos o *Youtube* como um artefato das pedagogias culturais e um espaço democrático na *cibercultura*, para ensinar e aprender na contemporaneidade. Para a escolha do vídeo levamos em conta alguns itens como: O que está sendo dito; a legitimidade de quem fala; a sua visibilidade e número de visualizações e por fim para quem se fala. Nesse sentido a pesquisa por vídeos no *Youtube* nos levou ao vídeo do professor Paulo Jubilut¹⁴ detentor do canal “Biologia Total com Prof. Jubilut” desde o ano de 2006. A página ou canal é descrito como:

“Página organizada pelo Prof. Paulo Jubilut destinada a divulgação desta magnífica ciência chamada biologia para vestibulandos, ENEM, universitários, biólogos, professores e demais amantes da biologia. Nosso site possui um acervo completo de vídeo-aulas dinâmicas e objetivas para facilitar a sua vida. Estude com a gente!”

Até o momento, o canal conta com 581.552 inscritos e possui 36.086.341 visualizações. Produz vídeos relacionados ao ensino de biologia, com acesso público e também propõe cursos de acesso restrito, voltados principalmente para vestibulandos. O vídeo escolhido foi publicado em abril de 2013, possui mais de 200 mil visualizações e traz como título: Evolução Sexual Feminina¹⁵. O título também foi um dos motivadores para a escolha, pois possibilitava uma pré-interpretação da evolução humana dependente de uma variável: o sexo.

Não houve nesse estudo interesse em nos posicionarmos de forma a atacar ou confrontar o autor, nem mesmo em relação à perspectiva que ele adota para falar do gênero. Nosso objetivo, inspirados em Foucault, encontra-se em evidenciar o que está sendo dito, o lugar de fala, e o que o autoriza a falar sobre a mulher por um viés cientificista.

Dos Enunciados e das Formações Discursivas: os Engendramentos entre Natureza-Cultura na Produção do Sujeito Mulher

¹⁴Informações obtidas na descrição do canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/jubilut/about>. Acesso em fev/2016.

¹⁵Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dqxVFkS1dJU> . Acesso em fev/2016.

Como citado anteriormente, o título do vídeo nos chamou a atenção antes mesmo de assisti-lo, pois falar em evolução sexual feminina é uma forma de (re)atualizar e de (re)inventar enunciados eternos que tomaram corpo na história e que aparecem sucessivamente, desde a Grécia antiga até a contemporaneidade. Por exemplo, o enunciado “a mulher é um sexo”. Nos métodos para se produzir o feminino, no material analisado, está engendrada a noção de natureza ativa e corpo passivo, articulando a vagina, os hormônios, o útero, a maternidade com as categorias históricas e políticas do gênero presentes nas sociedades ocidentais. O essencialismo biológico do sexo está impregnado na sociedade ocidental a qual confunde estabilidade com permanência ao tratar do sexo-gênero-sexualidade. Gayle Rubin expõe que:

O essencialismo sexual é incorporado no saber popular das sociedades ocidentais, as quais consideram o sexo como eternamente imutável, a-social e transhistórico. Dominado por mais de um século pela medicina, psiquiatria e psicologia, o estudo acadêmico do sexo tem reproduzido o essencialismo. Estes campos classificam o sexo como propriedade dos indivíduos. Talvez seja inerente aos hormônios ou a psique. Talvez seja construído como fisiológico ou psicológico. Mas dentre essas categorias etnocientíficas, a sexualidade não tem história e tampouco tem determinantes sociais significativos (RUBIN, 2012, p. 12).

No referencial foucaultiano, procedemos à análise do discurso pelo princípio da raridade dos enunciados e das formações discursivas, visto que, por meio da rarefação é possível evidenciar como enunciados singulares se relacionam em formações discursivas diferentes. Nessas condições, é possível ver como esses discursos aparecem em diferentes momentos históricos, bem como as modificações e repetições. Posto isso, com base em Foucault, tomamos o discurso como prática capaz de marcar, interpelar e posicionar sujeitos e subjetividades.

Analisar os momentos históricos no tempo e no espaço (não de maneira linear, mas sim como um “tempo dobrado”) nos permitiu evidenciar como enunciados eternos sobre a produção do *corpo-oposto*, portanto, o da mulher é (re)inventado-o e (re)atualizado-o. Londa Schiebinger (1986; 1998), já fazia menção do quanto e de que modo as estruturas do corpo feminino, como as mamas e o esqueleto, eram acessados para cientificizar práticas sociais. Laqueur (2001), nos permite analisar novamente como esses mesmos discursos buscavam no corpo orgânico (calor, útero, ovários e clitóris) as justificativas que sustentassem as demandas sociais sobre a posição da mulher na sociedade.

Os hormônios, desde o século XX, dão condição de existência, para que esses enunciados apareçam novamente e o título do professor de biologia o torna autorizado a falar do sexo, possibilitando assim a multiplicação dos enunciados¹⁶.

... agora eu te pergunto: Quais são as partes do corpo da mulher que tem os poros mais abertos e emitem mais feromônios? [...] Óbvio que são os seios e a bunda! [...] E é por isso que os machos são loucos por essas partes do corpo.

...Luci após ser fecundada, após a cópula, ela tinha seu óvulo fecundado e dois dias depois ela passava a ser regida por um hormônio, chamada HCG [...] Isso despertava o instinto maternal da Luci.

...O feromônio atraía os machos [...] Esses machos vinham por trás e copulavam com Luci.

A ideia dos feromônios, seios e nádegas femininas como atrativos para os machos, recorre à naturalização da heterossexualidade como fator inato e não um construto social. O sexo ao longo da história está vinculado à natureza como condição para a reprodução sexuada e a vinculação da mulher com a maternidade. A condição subserviente da mulher se dava, segundo o professor, pelas consecutivas gestações e amamentações, fato esse, que mantinha a mulher refém de seus hormônios. Tal como a progesterona e a prolactina, a submissão da mulher ao homem é naturalizada e reforçada pelo modelo da mulher passiva e coletora, e do homem caçador e ativo.

... Quando a mulher está num processo de amamentação e gravidez ela é regida por dois hormônios: a progesterona e a prolactina. A progesterona e a prolactina são hormônios que deixam a mulher toda bunda mole.

¹⁶ A relação entre hormônios, corpo e mulher é tratada em no artigo: MORANDO, André; LOGUERCIO, Rochele de Quadros; SILVA, Aline Ferraz da. Fronteiras difusas: os enlases do discurso biológico na produção do corpo-oposto. 2016. (No prelo).

A mulher fica submissa quando está sob a ação desses hormônios. Basta você fazer uma força, não precisa ir lá muito atrás, há seis mil anos atrás não! Basta você fazer uma força pra ver que a tua avó, por exemplo, teve quinze filhos. Tua avó então não ficava questionando o teu avô.

O que se torna notório, é que o dispositivo da sexualidade, continua autorizando atores sociais a falar do sexo apoiando-se em formações discursivas distintas. O *sexo-oposto* foi criado por práticas discursivas de um regime médico e jurídico em um modelo heteronormativo e dando evidências a heterossexualidade como prática sexual sadia e disciplinada, portanto a aceita. As ciências biológicas contribuíram com a fundação do oposto, pois, possuem os meios e as técnicas, para que as demandas sociais sejam explicadas e efetivadas, com isso criou-se um corpo, um sexo e uma sexualidade normal. No discurso do vídeo analisado os termos; fêmea e mulher, são usados como sinônimos, nos permitindo olhar novamente o mesmo discurso de Lineau ao cunhar o termo mamífero no século XVIII¹⁷ (SCHIEBINGER, 1998). Por meio da análise das enunciações é cristalino um dos domínios do dispositivo da sexualidade - (FOUCAULT, 2015) - a histerização do corpo da mulher produzia um corpo impregnado de sexualidade que se comunicava com o corpo social. A família produzia a mãe, com todo o ideal de maternidade ou a mulher histérica, aquela que não está no domínio biológico-moral, rompendo com a noção de maternidade como destino.

...olha o poder dessa mulher, ela expunha a genitália e a savana era atraída...

...naquela época os *Australopithecus afarensis* tinham a genitália sem pelo nenhum... e aí sabe o que a Luci fazia? (Luci) chegava e se botava atrás de uma moita e ficava de quatro nessa moita, expondo o marisco [*sic*], expondo a sua genitália

Ao tratar da fêmea fecundada que “cumpre” com seu destino biológico, ele afirma:

Ela se afastava dos machos e esperava o momento do parto para cuidar dos seus filhotes, ou do seu filhote, junto com as outras fêmeas *Australopithecus*. O macho não participava desse processo pedagógico.

¹⁷ Ver MORANDO, André; LOGUERCIO, Rochele de Quadros; SILVA, Aline Ferraz da. Os discursos de verdade que possibilitaram o surgimento da vida e a naturalização da história. p 6. 2016. No prelo.

A noção de família na fala do docente é uma noção desse tempo, talvez dentro do modelo judaico-cristão, pois há um silenciamento sobre outras organizações familiares, mesmo tratando dos arranjos familiares em animais não humanos, tal como os chimpanzés - primatas tidos como os mais próximos ao *Homo sapiens* moderno - o professor acessa esse modelo familiar, haja vista que, nesses hominídeos a organização familiar pode se dar por um macho e muitas fêmeas, em pares ou machos e fêmeas múltiplos e o comportamento e a prática sexual não está necessariamente ligado à reprodução. Para Foucault (2015), não há como pensar o discurso dividido em aceito ou excluído, mas sim, em uma série de estratégias de poder que variam de acordo com quem e de onde fala do seu *status* em lugares-poder, e da intencionalidade do discurso.

...é que essa posição, papai e mamãe, *father and mother* é responsável pelo surgimento das famílias nos seres humanos...

Rola um estímulo cognitivo no macho. Ele passa a reconhecer à fêmea.

A mudança do canal vaginal ao longo da evolução da mulher é que fez com que a família surgisse.

O que se pode notar é novamente, o dispositivo da sexualidade e da aliança operando ao controlar e restringir o discurso, no qual o sexo autorizado ainda está na família, mais especificamente, no quarto do casal (homem e mulher). Ligar o sexo, o desejo e a reprodução sexuada de forma linear e fixa, reatualiza e reinventa os enunciados sobre sexualidade normal ou desviante. A historicidade do gênero é acessada como efeito do corpo orgânico inclusive, quando a fala do professor deixa o estrato histórico, povoado pelos ancestrais do *Homo sapiens* e chega à contemporaneidade. As mulheres historicamente passam a ter menos filhos por inúmeros motivos. Esse “freio” é um dos domínios do dispositivo da sexualidade. Para Foucault (2015), a diminuição ou o estímulo da procriação são estratégias do que ele chama de “*socialização das condutas de procriação*” a qual define como:

Socialização econômica por intermédio de todas as incitações, ou freios, à fecundidade dos casais, através de medidas “sociais” ou fiscais; socialização política mediante a responsabilização dos casais relativamente a todo o corpo social (que é preciso limitar ou, ao contrário, reforçar), socialização médica, pelo valor patogênico

atribuído às práticas de controle de nascimentos, com relação ao indivíduo ou à espécie (FOUCAULT, 2015, p. 114)

A relação da liberdade sexual feminina e sua relação com o estrogênio é perfeitamente identificável na fala do professor. No entanto, novamente o discurso social é inscrito no corpo biológico, o substrato orgânico é naturalizado e transforma-se em artefato humano. Toda a luta histórica das mulheres por espaços de poder, por espaços de fala, pela representatividade, enfim todas as resistências às normas são tratadas como efeito de uma molécula: o estrogênio.

Quando uma mulher passa a não ter filhos ou tem menos filhos, tem um hormônio que começa a bombar nessa mulher, que é o estrogênio. [...] O estrogênio deixa as mulheres mais independentes.

As mulheres buscam mais parceiros e mais: as mulheres começam a se questionar... Começam a ser reativas... [...] Começam a se revoltar com aquele estilo de vida. [...] Quem tá fazendo isso é um hormônio chamado estrogênio, que não tinha chances de se manifestar por que essa mulher ficava grávida o tempo todo.

Por Fim...

As teorizações que buscam explicar de maneira totalizante o sexo e o gênero, mantendo o foco na anatomia e origem das diferenças sociais, não dão conta de entender os indivíduos de maneira una e vertical. Talvez, um grande desacerto de tais explicações, esteja em iniciar os questionamentos pelo “por que” ao invés de usar o “como”. Por que as mulheres estão sinonimadas à maternidade? Poderia ser substituído por: como os discursos sobre a maternidade apareceram na história e se tornaram estratégias de subjetivação do feminino? Ou ainda: quem ou quais instituições anunciam os discursos sobre o feminino e a maternidade? Há que se escapar da busca pela origem e lançar um olhar sobre as condições pelas quais os eventos acontecem.

Nesse sentido, como universalizar o gênero? Como padronizar o feminino? O que se mostra mais evidente nas análises do discurso biológico, ao tratar do feminino é o fato de tratá-lo sem que a construção histórica do masculino seja desacomodada, mantendo-o imóvel e

imutável desde sempre. O ruído está em falar do feminino a partir do masculino, e, é ainda mais problemático quando a intenção busca a totalização, ou seja, produzir um único feminino a partir de um único modelo de masculinidade. Talvez a metáfora de Donna Haraway (1995), se ajuste e dê conta de explicar como se produz a diferença: se colocarmos água em um copo de vidro translúcido e dentro dele uma colher percebemos que, à medida que, nos movimentamos em torno do copo, diferentes imagens são produzidas da colher. O que se percebe, a partir do discurso biologizante do gênero, é que a difração “reflete” a realidade, no entanto, o que se produz são efeitos no objeto a partir da perspectiva do observador. Sendo assim, há que se questionar quem narra a diferença? Ou como nesse estudo: quem narra o feminino na biologia? De acordo com Louro (1997), os sujeitos e identidades são multifacetados e não há como tomá-los por um único ângulo. São necessários múltiplos olhares que permitem perceber que:

Se aceitamos que os sujeitos se constituem em múltiplas identidades, ou se afirmamos que as identidades são sempre parciais, não-unitárias, teremos dificuldade de apontar uma identidade explicativa universal. Diferentes situações mobilizam os sujeitos e os grupos de distintos modos, provocam alianças e conflitos que nem sempre são passíveis de ser compreendidos a partir de um único móvel central, como o antagonismo de classe (LOURO, 1997, p. 51).

O vídeo analisado demonstra como as práticas discursivas são reatualizadas na fala do professor e nota-se em um primeiro momento, a potência de tais práticas. O professor é sujeito desse discurso e o seu lugar de fala promove dispersões discursivas, que interpelem outros sujeitos, associa novos campos do saber que operam na manutenção do corpo, da sexualidade e das relações de gênero fixas, transhistóricas e aculturais. Não atentando para o fato de que todas essas normalizações estão imersas em estratégias de econômicas e sociais. Na contemporaneidade, se faz necessário romper com a noção de estabilidade e permanência no que tange as identidades, sujeitos e sexualidade. Apoiados em Hall (2006), entendemos que é na cultura, em última instância, que nos tornamos humano, ou seja, somos interpelados culturalmente e não por um aparato biológico. Ainda em Hall (2006), o sujeito remonta identidades durante a vida em diferentes momentos, vivencia diferentes experiências, como desejos que moldam e produzem uma identidade cambiante. Nesse sentido pensar em um “eu verdadeiro” ou imutável é fantasioso.

O sexo e o gênero atuam como instâncias interpelativas dos sujeitos nas sociedades ocidentais. A diferença entre corpos, gêneros e sexualidade é feita por uma série de significantes que produzem sujeitos pela exclusão. Nesses termos, é na linguagem que a diferença é capaz de produzir sujeitos e não no corpo biológico. Não entendemos o sexo e o gênero como linhas

paralelas, por mais próximas que pareçam estar. Não houve intenção nesse estudo, de localizar pontos de inter cruzamentos, como se em um determinado ponto o gênero encontrasse o sexo para formar um corpo com identidade (sexual e de gênero). Talvez, uma forma menos abstrata para representar o sexo e o gênero no corpo, seja fazer uma projeção na fita de *Möbius*, onde não há começo, nem fim, não há o lado de cima ou de baixo, o dentro e o fora. A diferença depende dos olhos do observador, e nesse sentido, se está em um sexo, em um gênero, em vários ou quiçá em nenhum.

A partir dos olhos e da avaliação do observador, ou seja, do outro, é que somos posicionados, culturalmente no centro ou nas margens da sociedade. Aqui nos cabe indagar quem e quais instituições ocupam lugares de poder capazes de operar os deslocamentos dos espaços que determinados sujeitos devem ocupar. Para Louro (2006), o centro é um lugar historicamente ocupado pelo homem branco, heterossexual e de classe média, são inúmeros os discursos como o do gênero, da etnia, da classe social que fazem do centro um lugar sedutor e privilegiado de fala. Nesse estudo, olhamos para os discursos da sexualidade e do gênero como mantenedores do centro e como o centro se torna um elemento capaz e produzir subjetividades a partir dele. Segundo Louro (2006), a problematização e a desconstrução do centro vem sendo um dos lemas da contemporaneidade não só contestando a centralidade, mas as noções de universalidade. Louro (2006, p. 2), traz uma citação de Hutcheon que consideramos inspiradora para finalizar esse artigo “Se o centro não vai continuar, viva as margens!”

Referências

- BAILEY, J. M.; DUNNE, M. P.; MARTIN, N. G.. Genetic and environmental influences on sexual orientation and its correlates in an Australian twin sample. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v.78, n.3, p.524-536, 2000.
- BAILEY, J. M.; PILLARD, R. C., A genetic study of male sexual orientation. **Archives of General Psychiatry**, Chicago, v.48, n.12, p.1089-1096, 1991.
- BAILEY, J. M. et al. A family history study of male sexual orientation using three independent samples. **Behavior Genetics**, New York, v.29, n.2, p.79-86, 1999.
- BAILEY, J. M. et al. Heritable factors influence sexual orientation in women. **Archives of General Psychiatry**, Chicago, v.50, n.3, p.217-223, 1993.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental: Orientação sexual**. Brasília: Ministério da Educação, 1999
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC, 2002.

- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- FAUSTO-STERLING, Anne. The Five Sexes: Why male and female are not enough. **The Sciences**, n. 33, p. 20–24, 1993.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- _____. **A história da Sexualidade II: A vontade de saber**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- _____. **A história da Sexualidade III: O cuidado de si**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n.5, p.7-41, 1995.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. Feminilidades na pós-modernidade. **Labrys: Estudos feministas**. 2006. Disponível em <http://www.labrys.net.br/labrys10/riogrande/guacira.htm>. Acesso em 08 fev 2016.
- _____. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma abordagem pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos feministas**, vol.8, n.2, p. 9-41, 2000.
- RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. Revisão de Miriam Pillar Grossi. **Cadernos PAGU**, n 21, p. 1-88, 2012.
- _____. **O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política dos sexos**. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS CORPO – Gênero e Cidadania, 1975.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- SCHIEBINGER, Londa. Mamíferos, primatologia e sexologia. IN: PORTER, Roy; TEICH, Mikulás (org.). **Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 219-246.
- _____. Skeletons in the Closet: The first illustrations of the Female Skeleton in Eighteenth Century Anatomy. **Representations**, n. 14, p. 42-82, 1986.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99,1995.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, INSPIRAÇÕES E PERSPECTIVAS

Ao (re)ver o caminho percorrido até aqui, percebo que não há um ponto de chegada, onde se esgotam as possibilidades, e as certezas são fixadas, nesse sentido, as considerações que aqui são narradas estão nos entres. Não tivemos a pretensão em momento algum em construir um cenário da história da biologia para apontarmos os erros, a fim de desconstruirmos tudo o que se naturalizou sobre o sexo e a diferença sexual. Buscamos produzir pequenas rachaduras, ou pelo menos problematizações, que de certo modo, possam desacomodar aquele que lê esta dissertação.

Ao reler os artigos, percebo que a biologia é uma sociedade de discurso que “a grosso modo” classifica e esquadrinha os seres vivos “desde sempre”. Dessa forma, quando assisti ao vídeo em que o professor falava sobre a evolução da mulher, fui tomado por uma constante agonia que incomodava as minhas verdades a todo o instante. Como alguém pode falar isso? Essa pergunta me causava indignação e permeava toda a análise, no entanto, eu precisava me manter afastado desta máxima e deixar que o pesquisador investido por uma perspectiva pós-moderna, a fizesse. Foi por meio desse constante conflito, que percebi o professor do vídeo, e o pesquisador, fazendo parte de sociedades de discursos, na qual ambos estão subjetivados e de certa maneira, se encontram nessa dissertação com o mesmo propósito, o de falar como as marcas do corpo produzem sujeitos, muito embora, suas verdades estejam diametralmente opostas. A análise da fala do docente e o exercício de tentar “ver de outro modo”, efetivou um dos objetivos dessa dissertação, o de desacomodar, e nesse caso num primeiro momento, o próprio pesquisador.

Apesar de conseguir entender como o discurso do professor fora construído, reitero a necessidade latente de entender e ensinar sobre o corpo, não como um amontoado de músculos, órgão e hormônios mecanicamente orquestrados, mas sim, como essa estrutura orgânica é múltipla, carregada de nuances e significados, onde não há isso ou aquilo, certo ou errado. Nessa perspectiva, há de sair das dicotomias e aceitar as multiplicidades, pois as teorizações que buscam explicar de maneira totalizante o corpo, o sexo e o gênero, acabam mantendo o foco na anatomia como origem das diferenças sociais e não dão conta de entender os indivíduos de maneira una e vertical. Talvez um dos grandes deslizes de tais explicações esteja em iniciar os questionamentos pelo “por que” ao invés de usar o “como”. Por que as mulheres estão sinonimadas à maternidade? Poderia ser substituído por: Como os discursos sobre a maternidade apareceram na história e se tornaram dispositivos de subjetivação do feminino? Ou ainda: Quem ou quais instituições anunciam os discursos sobre o feminino e a maternidade?

É na linguagem que a diferença é capaz de produzir sujeitos e não no corpo biológico, nesse ponto de vista, precisamos do constante exercício de escapar da busca pela origem e, olharmos para as condições pelas quais os eventos acontecem.

O Ponto Final é Abstrato...

Confesso que no transcorrer da produção dessa dissertação, inúmeros questionamentos e provocações surgiram. Percebo a necessidade de tratar os temas da sexualidade e do gênero no ensino superior, principalmente no curso de licenciatura em ciências biológicas, haja vista que o gênero, desde o final de 2014, saiu da periferia dos currículos e tornou-se o centro dos debates nos planos municipais de ensino, enredados por um pânico moral, de proporção nacional, que “aconselhava” a exclusão deste perigoso termo. Nesse sentido, afirmo que não há necessidade, do termo “gênero” aparecer na cartilha, no currículo ou no livro didático, falar de gênero é falar de pessoas, de identidades e a escola é um lugar de produção de identidades, a qual se preocupa com a formação de pessoas de determinados tipos, ou pelo menos investe na formação de sujeitos desse ou daquele tipo, muito embora, não se tenha nenhum resultado previamente garantido. Dessa forma o gênero é uma categoria que produz indivíduos, que de uma forma ou de outra, são anunciados e atrelados à expectativa de masculinidades e feminilidades, sendo assim, para um estudo futuro, sou motivado a conhecer como e quais pedagogias do gênero incidem sobre diferentes corpos, mais especificamente os corpos tidos como “fora do lugar”.

REFERÊNCIAS

- BAILEY, J. M.; DUNNE, M. P.; MARTIN, N. G.. Genetic and environmental influences on sexual orientation and its correlates in an Australian twin sample. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v.78, n.3, p.524-536, 2000.
- BAILEY, J. M.; PILLARD, R. C., A genetic study of male sexual orientation. **Archives of General Psychiatry**, Chicago, v.48, n.12, p.1089-1096, 1991.
- BAILEY, J. M. et al. A family history study of male sexual orientation using three independent samples. **Behavior Genetics**, New York, v.29, n.2, p.79-86, 1999.
- BAILEY, J. M. et al. Heritable factors influence sexual orientation in women. **Archives of General Psychiatry**, Chicago, v.50, n.3, p.217-223, 1993.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental: Orientação sexual**. Brasília: Ministério da Educação, 1999
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- CRABBE, J.C.; BELKNAP, J.K.; BUCK, K. Genetic animal models of alcohol and drug abuse. **Science**, n.264, p.1715-1723, 1994.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- _____. **A Dobra: Leibniz e o barroco**. Tradução Luiz B.L.Orlandi. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.
- FAUSTO-STERLING, Anne. **Cuerpos sexuados: la política de género y la construcción de la sexualidad**. Barcelona: Melusina, 2006.
- _____. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17/18, p. 9-79, 2001.
- _____. The Five Sexes: Why male and female are not enough. **The Sciences**, n. 33, p. 20–24, 1993.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a Análise do Discurso em Educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- _____. **A história da Sexualidade II: A vontade de saber**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- _____. **A história da Sexualidade III: O cuidado de si**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1999.

_____. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. Sobre as maneiras de escrever a história. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e Escritos II:** Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Tradução Elisa Monteiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. Verdade e poder. In: _____. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. O verdadeiro sexo. In: BARBIN, Herculine. **O diário de um hermafrodita.** Tradução de Irley Machado. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. A vida: a experiência e a ciência. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e Escritos II:** Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Tradução Elisa Monteiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

_____. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987

FREEMAN, E. R.; BLOOM, D. A.; MCGUIRRE, E. J. A brief history of testosterone. **The Journal of Urology**, v. 165, p. 371-373, Feb. 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMER, D.; LEVAY, S. Evidence for a biological influence in male homosexuality. **Scientific American**, v. 270, p. 44-49, May 1994.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.5, p.7-41, 1995.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo.** Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação:** como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo, UNESP, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Corpos que escapam. **Labrys:** estudos feministas. Brasília, n. 4, ago./dez. 2003.

_____. **Um corpo estranho:** ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer. 2. Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

_____. Feminilidades na pós-modernidade. **Labrys:** Estudos feministas. 2006. Disponível em <http://www.labrys.net.br/labrys10/riogrande/guacira.htm>. Acesso em 08 fev. 2016.

_____. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma abordagem pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Nietzsche e a Verdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.
- OUDSHOORN, Nelly. **Beyond the natural body**: an archeology of sex hormones. London: Routledge, 1994
- PLATÃO. **Banquete**. Tradução e notas José Cavalcante de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault**: Conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.
- ROBERTS, Celia. **Messengers of Sex**: Hormones, biomedicine and feminism. New York: Cambridge University Press, 2007.
- ROHDEN, Fabíola. Império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. **História, Ciência, Saúde. Manguinhos**, v. 15, supl., p. 133-152, 2008.
- RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. Revisão de Miriam Pillar Grossi. **Cadernos PAGU**, n 21, p. 1-88, 2012.
- _____. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a economia política dos sexos. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS CORPO – Gênero e Cidadania, 1975
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- SCHIEBINGER, Londa. Mamíferos, primatologia e sexologia. IN: PORTER, Roy; TEICH, Mikulás (org.). **Conhecimento sexual, ciência sexual**: a história das atitudes em relação à sexualidade. São Paulo: UNESP, 1998. p. 219-246.
- _____. Skeletons in the Closet: The first illustrations of the Female Skeleton in Eighteenth Century Anatomy. **Representations**, n. 14, p. 42-82, 1986.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- VEIGA-NETO, Alfredo; RECH, Tatiana Luiza. Esquecer Foucault?. **Pró-Posições**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 67-82, ago. 2014
- VEYNE, Paul. **Foucault**: Seu pensamento, sua pessoa. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000
- WIJNGAARD, Marianne Van Den: The acceptance of scientific theories and images of masculinity and femininity: 1959-1985. **Journal of the History of Biology**, 24, 19-49. 1991.